



O

ALABAMA



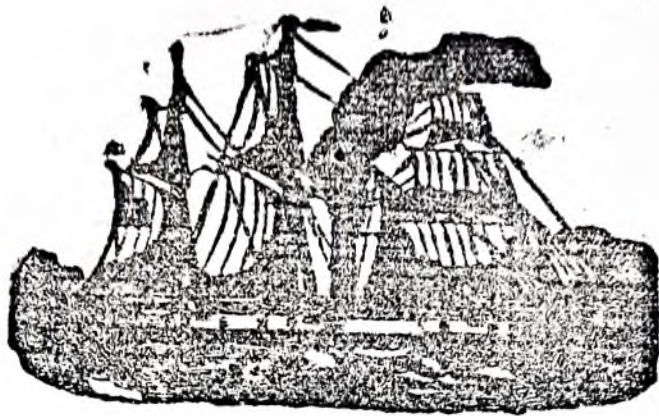
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

1º DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 1.ª—N.º 3.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 31 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, sobre os innumerados buracos que povoam a rua de Baixo.

Espera-se.... espera-se tudo da Ilma.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua da Preguiça e veja onde mora certa sucia damnada, composta da mãe e duas filhas; intime-lhes que não continuem a incomodar a vizinhança e ao publico e advirta-lhes que, si continuarem, irá fazer-lhes uma visita o maxingueiro, que sabe cumprir suas obrigações. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua Direita do Collegio em uma casa da Mizericordia que se está concertando, e intime aos operarios que se deixem de fazer acenos, do lado do quintal, para a vizinhança, visto que nem tolos gostam de graças e muito se ofendem com ousadias de quem deve estar trabalhando, si quizer ganhar dinheiro. Advirta-lhes que, si continuarem, terão de ajustar contas com o muxingueiro. Cumpra.

—Os paraguayos querem paz; jornaes inglezes assim o dizem.

O *Jornal da Bahia* traz o seguinte extracto do *Evening Star*:

«Temos agora a esperança de que acabe brevemente a guerra sanguinaria e prolongada que existe no Rio da Prata. Diz-se que a mediação europea foi solicitada e que o resultado será o melhor possivel. Com quanto sejam grandes os revezes que soffreu o Paraguay, os sacrificios que a guerra impoz ao Brasil devem influir para que esse imperio deseje vel-a acabada quanto antes.»

—Como vem com pés de lan!

—E' para ver. Em quanto (é do *Jornal*) puderam offender-nos no que ha de mais sagrado, so tinham arrogancia e insultos; agora (isto é meu) que se acham com as calças nas mãos, andam a procurar padrinhos com honras de *cabra-cega*.

—Canalha!

—Consta que chegaram cento e tantos *recrutados voluntarios* do Sul, *todos incapazes de serviço*.

—E aqui não havia inspecção?

—Havia; mas havia tambem necessidade de grande numero para realçar as glorias do administrador.

—E teve a nação essa despesa inutil!

—Inutil, é verdade; mas que não deve dar na vista porque muitos ladrões tem enchido a barriga á custa do paiz.

—Deve dar na vista, sim. Si eu fosse o governo geral, obrigava o presidente a pagar a despeza.

—Os medicos é quo deveriam pagal-a.

—E pague la quem pagar, ou ninguém pague, o que é certo é que os taes recrutas invalidos andam pela cidade, atôa.

—E' uma lastima!

Doentes de hernia, obesos, epilepticos, paralyticos, phytisicos, rheumaticos, aleijados, andam a queixar-se, e muitos ficam dias inteiros á porta de palacio, sem que S. Ex. o Sr. commendador, presidente o deputado os possa ver da altura de suas janellas!

—Oh! mundo!

—Por ordem do dia (diz o *Diario*) foi dispensado o Sr. tenente coronel José Pinto da Silva do commando do 14.º corpo de voluntarios (Cachoeira).

—Li; e em virtude disto, todos os officiaes pediram sua demissão.

—E em virtude disto, foram mandadas encorporar as duas alas do corpo aos batalhões 16 de linha e 10 de voluntarios (caçadores e policia da Bhia.)

—E em virtude disto, aboliu-se o decreto de 7 de janeiro; os voluntarios ficarão confundidos com a tropa de 1.ª linha!

—Não sei...

Realmente não comprehendo! Salvo si forem, ao findar a guerra, discriminados das praças do exercito ordinario.

—E' o que eu duvido; soldado sem commandante, sem protector portanto, só por si, com seu direito, por mais alto que falle, por mais que grite, sua voz não vae até la em cima.

Emfim vejamos.

—O Sr. Patterson é philantropico.

—Quanto aos doentes; mas não intendo de philantropia *in partibus*. Não sei que diabo de philantropia é essa

que põe um moleque a correr atraz do cavallo em que S. S. percorre as ruas desta cidade!

—E' que S.S., apezar de inglez, não reparou que o preto é organizado como o branco e não pode portanto andar continuamente *pari passu* a um cavallo.

—O correio da capital da Bahia vao acompanhando o progresso. Chegou um vapor no sabbado e na 2.ª feira ainda não havia lista!

—E' porque chegaram outros, houve accumulção de trabalhos, e não se poudo dar vasão a tudo.

—A rasão é convincente, é!

—Padre, venha ca!

Não mente o seu nome!

O amor com que o chamam infiltrou-se no seu corpo por forma tal que sahiu V. um furioso *leão* de Paris!

Pois, não contente com as familias que tem desgraçado, deu agora para requestar as recolhidas!

V. tome geito; olhe que lhe ando na pista!

—Capitão, não me envergonhe!

—E V. si tivesse vergonha não era o primeiro a zelar a dignidade da classe a que pertence?

Todavia, como é bonito, como ainda mostra o que foi, para não ficar muito conhecido, quando tiver de reprehender-o, em vez de chamal-o Amor, chamo-o *Amour* por que eu tambem sei francez.

—Isso não; na Bahia ha um conego com esse nome e podem vir complicações para V. Ex.

—Elle bem sabe que eu ancorei em Latronopolis!

Toma la sentido, meu dandy!

—E' celebre! parece que na Conceição da Praia não ha fiscal! Ha uma postura que prohibe na rua objectos que impeçam o transito, especialmente em os passeios; entretanto estes amaveis pretinhos largam suas cadeiras de arruar em cima dos passeios, o o que succede?

Chove como agora; a rua fica inteiramente alagada; as portas estão occupadas e não se pode a gente recolher; ha necessidade de andar-se por cima dos passeios; as cadeiras la estão; o remedio é metter-se os pés n'agua, porque os negros estão sentados em suas cadeiras, frescando, sem dar cavaco com quem passa!

—Mas para isso queria V. que o fiscal apparecesse com chuva?

—A cousa é sempre assim; os fiscaes devem pôr em vigor as posturas, e quando não façam seu dever, que faz o subdelegado?

—Tambem V. quer levar tudo á risca!

Quem tem seu carro, offerece ao governo de graça e obtém contemplações; quem pode offerecer cadeiras porque tambem não será *attendido*?

—Faz nojo ver as batinas dos meninos do coro! Estão rotas, sujas, a feder!

E' preciso providenciar-se.

Agora que temos novo deão, esperemos.

O accio faz parte da boa sociedade; como pois na sociedade catholica, nos seus templos, seus agentes se apresentam sordidos, immundos?!

E depois o governo dá dinheiro para taes cousinhas....

VARIÉDADE.

Alguns periodicos allemães referem o seguinte singular factó:

Hans Glasser estava convencido de que seu pae interrara grossos cabedaes, e que á hora da morte não teve tempo de revelar. Começou a demolir pedra por pedra a casa em que habitava, porém nada encontrava. Um destes ultimos dias, durante uma tempestade, Hans trabalhava com maior ardor do que nunca, e de repente cahé fulminado por um raio. Quando se levantou viu espalhadas em volta de si notas do banco de França no valor de 180:000\$; a faisca electrica havia desinterrado e feito em pedaços o cofre em que o Sr. Glasser senior tinha escondido o seu dinheiro aos olhos de todos.

A PEDIDO

(Continuação.)

—Capitão, como prometti, aqui estou para contar certos episodios da vida de Corta-ferro.

—Pois ande la com isso.

—O diabo ficou *inutilisado*, e como tal foi ser director dos *inuteis*; mas como os *inuteis* comem, vestem, dançam e folgam, é preciso dinheiro que os *solde*; vem o dinheiro, ha soldo, mas os *soldados* ficam sem elle. Corta-ferro tem o terrivel vicio do jogo e no seu voraz sorvedouro atira o dinheiro que pertence aos pobres mutilados.

—Que patife!

—E mais foi elle nisto: Vendo-se compromettido, lançou-se miseravelmente aos pés de duas pessoas a quem passou uma letra de seu *vencimento* e ordem para recebel o na thesouraria; mas enganou-os infamemente; quando os moços foram receber o seu dinheiro, ja a outro estava rebalido por dous annos!

—Que ladrão e que ingrato!

—Não se emendou dessa o patife; cesteiro que faz um cesto faz um cento. O ladrão deu fim a uns sapatos dos pobres *inutilisados*; mas soube-se do roubo e o patife attribuiu-o a um cadete.

—Calumniador em cima!

—O cadete, homem brioso, defendeu-se, provou sua innocencia e ficou liquido que Corta-ferro tambem cortava sapatos.

Deu-se porerem por injuriado, quiz fingir susceptibilidade, e deu-se a ridiculo, mostrou que tambem era bobo; convidou o cadete para um duello e andaram ás cabeçadas, quero dizer ás espadeiradas.

—E quem venceu?

—O cadete, que dizem que, ao malhar-lhe no corpo com a espada, gritava:

Si tu cortas ferro, eu corto-te a carno.

—Depois disso que fez?

—Nas suas extravagancias, pelas

suas continuas bebedeiras, nas suas diarias jogatinas, pelo muito gasto que fazia ganhando pouco; via-se sempre Corta-ferro sem dinheiro.

Existia então em certa rua um certo negociante de *cousas velhas*, um *Belchior* de nomeada, um bazarista em cheio, especie de *caga-negocio*, que tinha muita *misericordia* dos pobres, a quem protegia com suas transacções. Pois ahí, n'um desses momentos de crise, no apuro da *quebradeira*, foi ter Corta-ferro; na porta onde batiem os necessitados bateu tambem o atrevidão e orgulhoso militar-*mor*.

Fez seu negocio; isto é, trouxe seus quatro vintens no bolso e deixou na casa do Belchior-Varella o fardamento rico.

—Empenhou-o, não?

—Sim, Sr.; mas Belchior que era gaiato, pendurou na porta da loja o fardamento do homem. De sorte que todo mundo que passava logo dizia: Corta-ferro empenhou o fardamento!

—E os moleques que fizeram?

—Ora! Fizeram logo uma *tyranna*:

Corta-ferro por quebrado,

O fardamento empenhou;

O Belchior qu'è cassuista

Na porta o dependurou.

(*Continúa.*)

—Irta! Já não é relaxação! Já não é descaração!

—Então o que é?

—E' *atrevido* atrevimento!

Como é que acontece, que um quidam vigario, um *nobre* padre, que deve ser o typo, a imagem da moralisação, e bom exemplo, no centro d'uma cidade como a de Latronopolis, atreve-se a escandalisar a moral, e a prostituir a propria igreja que parochia, d'uma maneira tão extranha á religião e á casa de Deus vivo!!

Si fosse em uma freguezia dos arbustos que tal se praticasse, si bem que indevidamente, dir-se-bia: foi nos matos. Mas aqui! O vigario, e sua manceba' sendo ambos padrinhos d'um menino na sua propria igreja em um dia e dahi a pouco, repetindo-se um outro novo escandalo de ser na mesma

freguezia o filho do proprio vigario baptisado, assistindo de tocha na mão o dito vigario e sendo padrinho do recém-nascido vigarinho o avô, o pae do vigarão! Irta! Já não é relaxação, já não é descaração! E' *atrevido* atrevimento!!

Para outra vez a noite de Natal, e o soirée do baptisado na morada dos bois!

Dos vigarios o primeiro —

Cabra cega ávinha —

Quem te deu!? —

Por tudo isto és um san deu. —

—Capitão, pancadaria velha.

—No Bomfim?

—Não; la houve-as; dizem que até facadas; mas o caso foi para as bandas do Matatu e na sexta feira, ás 7 horas.

—Mas que houve?

—Certo cujo, morador nas Pitangueiras, não sei por que, fez um alarma em casa e acabou por dar muita pancada na pobre da amazia.

—Roupa miuda se lava em casa.

—Mas a obra foi grossa; o homem, estando a mulher pejada, bateu-lhe de maneira que a infeliz se não pode levantar da cama, nem mecher!

—Barbaro!

—E continuou por dar bofetadas na irman da moça e metter o cassette no irmão.

—Bello!

—E no dia seguinte deu queixa do moço por ter defendido sua irman; disse que era reu de policia, que devia ser preso etc. etc.

—E que fez a visinhança que não acudiu á moça? ou ella não gritou?

—Gritou muito e muito *aqui d'elrei*, mas ninguem quiz prender o homem, e o inspector não appareceu.

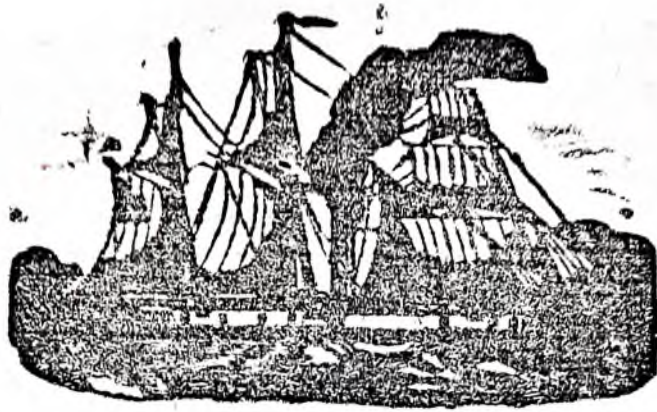
—Pois o negocio é com a policia; vão a ella, deem queixa e *alcançarão justiça*.

—Capitão, quero antes que V. Ex. o mande pegar pelo muxingueiro.

—Pois diga o nome do homem.

—La isso não sei; mas veio do *Porto* na companhia do Manuel Marques, ha bem pouco tempo.

—Está bom; viva!



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

6 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE I.—N.º 6.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal; perguntando-lhe si não sabe que a rua da Ss. Trindade se acha cheia de agnas estagnadas e putridas, como ja se lhe noticiou; no caso de saber, para quando guarda a remoção daquelle mal do centro de seus committentes.

(No mesmo sentido ao empresario da limpeza publica)

—Ao Hlm. Sr. Dr. delegado, participando-lhe que no dia 26 do p. p. pelas 7 horas da noite foram cruelmente espancadas nas Pitangueiras, freguezia de Brotas duas mulheres, uma das quaes se acha em perigo de vida, e não consta até hoje que o subdelegado dalli desse a menor providencia.

Espera-se que S. S. se digne tomar conhecimento do facto e dar as providencias que o caso requiera.

—Ao Sr. Dr. provedor de capellas.

—Sendo digno de censura que em um dia de festividade na capella de Santa Barbara esteja uma imagem de Nossa Senhora sem a sua corôa; e constando que existe a mesma, além de outras alfaías, em mão do *certo devoto*

que não a quer entregar, chegando a não cumprir ordens superiores, quando em pleito; convém que V. S. dê suas terminantes ordens, afim de que esse individuo não queira fazer de Borgia em santo corpo, as entregue por tanto e preste contas dos dinheiros pertencentes á mesma imagem. Sabe V. S. que não é possível que esteja um a despender com missas, festas, guizamentos etc., e outro no gozo dos rendimentos.

—S. Ex. foi a Santo Amaro.

—Provavelmente assistir aos folguedos do dia 2.

—Não; a serviço publico.

—Mas fez d'uma via dous mandados; achou a quadratura do circulo, isto é, metteu dous proveitos n'um sacco.

—Deus guie S. Ex. que tanto procura engrandecer a provincia em que nasceu e que administra!

—A festa esteve boa, a mascarada melhor; appareceram mascaras importantes, entre os quaes um gato-marrisco de oculos, com fardão de... de... de futuro ministro, e uma *coruja* a querer comer o bicho.

O mais foi na ordem do costume.

—No dia 2, o Bomfim esteve aplaudido; houve a abertura do cofre, a posse da nova meza e o comparecimen-

to do batalhão Imperatriz que foi ouvir missa e benzer a bandeira.

— Quanto rendeu o cofre?

— 3:109\$360; em papel 1:668\$; em prata 735\$220; em ouro 131\$000; em cobre 575\$140.

Appareceu tambem um quinto de bilhete e uma carta d'um fulano de tal, pedindo que se consignasse na acta a sua offerta de 5\$000 rs.

— Este aproveitou sem duvida muito para o ceu com a ostentação que pediu. Deus o converta!

— Capitão, a mulher do caxorro morreu!

— Quem se importa com a morte dos cadellas?

— Ora boas noutes, capitão; fallo da pobre velha mordida pelo cão do subdelegado.

— Ah! morreu?

— Pela primeira vez; estava com o corpo em petição de miseria, uma das pernas estava inteiramente escalavrada.

— Ora vejamos o que soffre o dono do cão, que, segundo o *Jornal*, presenciou a scena em gargalhadas.

— Esteve luzida a festa do Senhor do Bomfim em S. Domingos.

— Esteve; mas houve foguetes a entrarem pelas portas e janellas das casas e a ferirem cabeças.

— Tambem cahiu um pedaço de tribuna, especie de ceu velho que quebrou a cabeça de algumas senhoras e occasionou syncopes em outras.

— Pois seria melhor que em vez de gastarem o dinheiro em foguetes e fogueiras, o ompregassem em reconstruir o templo, pois no seu accio é que se reconhece o grau de culto e reverencia que se presta a Deus.

— O batalhão Imperatriz foi no dia 2 ao Bomfim benzer a bandeira.

— Já se sabe.

— Mas não sabe que o padrinho foi o actual Sr. commandante das armas.

O batalhão portou-se muito bem, devido ás ordens de seu commandante e do padrinho da bandeira, que é mi-

litar inteiro: quando o tal Leopoldina la foi, houve orgia, gritos, e depois reclamos de fome e soldo; hontem nada disso houve. Ao contrario muito entusiasmo demonstraram os guardas nos repetidos vivas que deram e nos brindes que fizeram.

— E' assim que succede, quando ha ordem, justiça e contentamento.

— Não vê que certos *mombocas* pensam que commandar armas é andar em jantares e passeios?!

— Pois que lhes aproveite a lecção!

E fiquem sabendo que o actual commandante das armae que teve um paço que sustentava pesadas dragonas de bigaleiro, nunca chegaria a negal-o, si fosse elle um pobre sapateiro.

— Barbarismo! Um negro surrado, inhabilitado para serviço por mais de 30 dias! N'um estado deploravel, quasi morto!

— E quem é o senhor?

— E' um fugitivo, um tabellião anotado, que andou fazendo artes de berliques e berloques, que gamou uns oito contos de reis, e que apezar de escondido, apparece todos os dias á janella da casa em que mora.

— Ah! conheço-o!

E' um sujeito que veiu do estreito de Magalhães no brigue *Castro*.

Sr. Dr. chefe de policia, as partes da policia não cessam de noticiar escravos fugidos por maus tratos dos senhores; providencias.

— Que vergonha! Para a cidade da Bahia que se orgulha de religiosa, para uma das primeiras provincias d'um imperio que tem por padroeira N. S. da Conceição, é uma cousa inaudita, inesperada!

— Mas o que?

— Pois no dia 8 de dezembro deixa de haver missa no Collegio, cathedral d'uma metropole ecclesiastica!

— Ora casos antigos!

E admira-se de pouco; o que V. devo admirar é a sem-cerimonia com que os conegos enganaram o arcebispo, dizendo que tinha havido a missa, a fim

do que (dizem elles) S. Ex não soffresse algum choque com tão grande e censuravel falta.

— Reconheceram o erro, mas continuaram na falta de cumprimento de suas obrigações!

Com effeito!

— O Dr. Sudré tem hoje um grande valor.

— Porque?

— Esta com honras de salsa-parri-lha de Bristol que cura a todas as molestias.

— E o Dr. tem esta felicidade, cura a todos?

— Não cura a todos, mas serve para tudo; é lente de academia de medicina, historiador da mesma, candidato tabo-queado, fiscal dos exames na dita academia, redactor do *Observador* e... que sei eu?

— E' tambem um moço sympathico; captiva os corações do bello sexo!...

— Capitão, sabe qual a razão porque o armamento para os militares, em vez de ir para o arsenal de guerra, foi para o de marinha?

— Caprichos do Sr. Dantas.

— E que diabo de correiaes são estes amacacados de que usam os guardas do 8.º?

— São correiaes de fusileiro que os homens deram para caçador; de brancos é preciso reduzi-los a pretos e o trabalho é grande: quem quizer pode ir ver os guardas em qualquer parte, de graxa e escova na mão a vassourar as corceias, que o mais que consentem é tornarem-se atabacadas.

— São luxos.

E' o melhor é deixarmo-nos disso, que podem os figurões zangar-se e dizer que estamos a cassuar dos *pitús*.

A PEDIDO

(Continuação)

— Que Corta-ferro sem vergonha!

— Ouça mais o que elle fez: jogou de novo o soldo da companhia; mas fertil em recursos, arranjou um papelito com

solimão e foi ter com um major, que apesar de nascer em terra era *marinho*; lamentou-se e disse ao homem que dello dependia sua sorte e a de seus filhos; que si lhe não fossem abonadas umas lettras pelo major, alli mesmo se envenenaria elle.

O major abonou-lhe 1:000\$ rs. Corta-ferro, já servido, cassuou com o protector; nunca mais em tal cuidou, empinou-se para o Rio de Janeiro, em virtude de uma commissão que de proposito arranjou.

Tendo o major de ir ao Rio, la encontrou-o e fallou-lhe a respeito. O caloteiro respondeu-lhe que se intendesse com um major robusto e *basto*, que o dinheiro não foi para elle, que todos eram ladrões, que o tal major fora quem armara a *ganga* etc. etc.

— Que ladrão safado!

— E o pobre do major por fazer beneficios, foi quem pagou ao estabelecimento o que não comeu nem bebeu.

(Continúa.)

— Gallego, vem cá!

— *Ostrenou*, criado de V. Ex.

— Então qual é a razão de queres que se demitta a um nacional, para tu seres empregado? Eim, bebado?

— Capitão, não me insulte!

— Queres negar que és um grandississimo bebado, que vives só pelos bolequins?

Queres negar que no Rio estiveste até uma vez preso, porque foste encontrado na praça encarraspanado? Eim, tratante?

Lembra-me agora até de uma vez que o *Vicente Ferrer* passando por tua caza, e encontrando uma mulher na janella, perguntou a ella o seguinte:

— Sra. Caveira, diga-me:

Onde está o *Ostrenou*?

Ella respondeu:

— Está na praça cosinhando

A caxaça que chupou!

Aqui mesmo já muitas vezes tu tens andado pela Praça, dando espectaculo!

— Capitão, não lhe presto mais attenção, pois não estou para soffrer insultos desta ordem!

—Pois bem: has do prestal-as ao muxingueiro.

Muxingueiro!

—Estou às ordens de V. Ex.

—Leva este gallego para bordo, assim de ajustares contas com elle.

—Chegue-so para mim, infamo!

—Capitão, estou já em seus pés!

—Segue, gallego.

—Capitão, por quem é!

—Avenha-se com o muxingueiro.

Muxingueiro, dá tantas calabrotadas neste gallego, quanto a mãe deu de boquinhas nelle, quando menino!

—Serão cumpridas suas ordens, capitão.

—Ai.... ui.... ai!....

—Vem ca, Chica!

—Eu não conto; tenho quem peça por mim, capitão.

—Já morreu o afilhado de quem vossês eram compadres.

—Ah!

—Esqueceste-te daquellas saias velhas emprestadas que tomavas á visinhança do becco de Maria Pires?

Esqueceste-te do Nicolau que te dava seu café o deu-te tambem sophás, camas, colchões, etc.?

Mas has de te lembrar do moleque cortador de carne.

Nem podes esquecer o Mandú!

Nem ainda o Bernardo, o Felipe e o Marcos do zabumba.

Esqueças porém ou não esqueças, o caso é outro. Disseram-me que tinhas sentado praça no olho-vivo; que ias para Nazareth e lá betavas o que podias; é verdade?

—Falso, capitão.

—Mas queres ir ao Rio de Janeiro, não?

—Quero sim, Sr..

—Has de te dar bem; os capociras de lá gostam do *jogo da banca* e tu és mestra na cousa. Quando voltares, em vez de uma, como Maria da Gloria trouxe, trazes duas ou tres escravas.

Deves ir, acho bom.

Mas antes, quero que restitúas a seu dono o que não é teu.

—Nada tenho que meu não seja.

—Uma salva de prata circulada do

aljofar; dous castiçoes de prata; salva e tesoura para luz; copos, molheiras, almofadoes, calças, camisas, lençoes, lençoes, toalhas, fronhas e duas caixas, uma grande e a outra pequena; nada disso te pertencia e quero que tudo entregues a seu dono.

Bem vês que sei de tudo e que não mente portanto quem diz que estás no regimento do olho-vivo.

Chica, é preciso tomares vergonha; toma sentido! Tu bem sabes que o muxingueiro tem o dom da ubiquidade e é infallivel em todo o lugar em que se chame por elle.

Pergunta-se qual o motivo de não ter ainda sido solto o infeliz José Maria da Costa. Dizem que influem nisto os partidos e caprichos desta infeliz terra; mas que culpa pode ter um infeliz preso de ter sido transferido em 1864 por ordem do Sr. Des. Silva Gomes e em 1865 por ordem do Sr. Dr. Junqueira?

O infeliz recorreu ja ao Sr. Dr. chefe de policia de quem espera-se que obre como costuma.

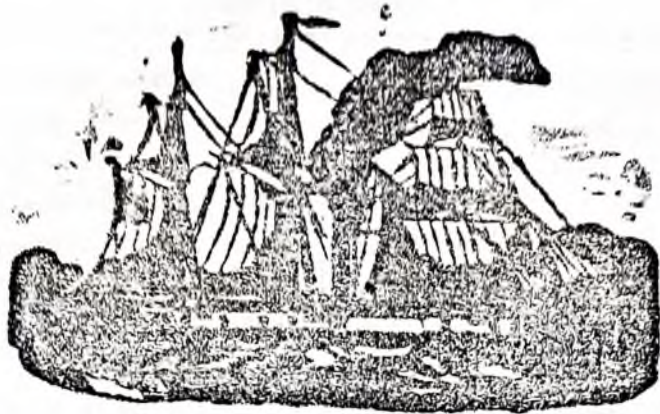
ANNUNCIOS.

Pede-se a certo sapateiro da rua Direita do Collegio para vir á ladeira de S. Francisco n.º 47, pagar á vista sua conta proveniente de costuras de botinas ha mais de seis mezes feitas, sendo seu nome publicado por este jornal no caso que não venha pagar nestes dias.

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.ºs 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.º 33. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira; quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.º 2.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAFIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

8 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 1.ª—N.º 7.

Publicasse na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avuisa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de feveiro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente, pedindo-lhe que so digne providenciar para que o beco do Bambú (per cujas cazas se paga decima) seja illuminada a gaz, visto que é hoje um lugar bastante transitado e está no caso das mais ruas.

Espera-se que S. Ex., eujos glorificadores tanto o exaltam pelas obras do centro, se digne cuidar tambem nas cousinhas de que precisa a capital.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe providencias contra um celebre brinquedo que inventaram os capotes: põem-se á porta de qualquer igreja onde ha festividade, e começam a dar encapelações em todas as pessoas que do templo sahem com seu chapéu de pello, venham ou não acompanhadas de familia.

No dia 4, na porta de S Domingos, o tal brinquedo não foi em pequena duração e occasionou uma cabeça quebrada, com o choque da bengala que deu a encapelação, na cabeça do encapelado, homem respeitavel e credor de attenções.

Informam-nos que tal graça foi praticada por certos moços de certa sociedade, acompanhados por seus mestres.

Espera-se que appareça alguma providencia no sentido de obviar a continuação de tal insolencia.

—O Costa Guimarães requereu que se lhe conservasse o primeiro praso marcado para a remoção das montureiras.

— Com effeito! Que animo!

Nem que lhe dêem dez annos, no gosto em que vae, é capaz de remover todos os monturos; si o homem continúa a creal-os por toda a parte! Deu agora em apromptar um na baixa do Jacaré, á Estrada Nova, com a singularidade de ser augmentado por cães e outros animaes mortos...

— Malfadada limpeza, em que mão cahiste!

E a pobre da Bahia a pagar as favas!

— Deixe-me repetir o edital da policia contra o divertimento de entrudo.

— E' baldado.

— Comtudo. Quem brinca entrudo tem 30\$ de multa, ou 8 dias de prisão; quem vende laranginhas, seringas etc., além de perdê-las, tem tambem a multa ou a prisão. Os donos das cazas res-

pondem por todos que nellas se acharem e infringirem as ordens; pelos escravos nada soffrerão, si a seu pedido forem elles castigados corporalmento. Ha, além disso o crime de desobediencia, cuja pena são dous mezes de cadeia.

— Ainda quando houvesse energia bastante para se executar a lei, haveria sempre quem, apezar dos pezares, fosse molhar sua Bella.

E' tão doce!

Que valem, em comparação, tres mezes de cadeia?

— Mais vale um gosto que quatro vintens.

Quem quizer divertir-se, que brinque; julgo porem que faço alguma cousa explicando a cousa.

— Em quanto *se trata* de reparar as ruas, os buracos continuam. E, além dos canos destapados e brocados, na ladeira da Misericordia, está-se a fazer um concerto e deixa-se os novos canos com a boca aberta. A rua é toda um buraco; por ella entretanto muitos cegos transitam...

— Que mudem de rumo!

— Mas si por alli é que elles recebem suas esmolas! si aquella rua é uma das mais frequentadas!...

— Dous proveitos não cabem n'um sacco.

— Mas quem recebe dinheiro para cuidar dos interesses publicos deve mandar eubrir esses precipicios, afim de que não soffram os descuidados.

— Os moleques continuam com as pedradas; mas bem vê que o chefe de policia se não ha de occupar com pedradas e moleques.

— Está claro; ainda que dellas venha a morrer alguém, como ha pouco succedeu a uma senhora.

— Serio?!

— Ora!

A senhora sahia da caza da modista em que trabalhava, e, na rua Direita do Collegio, levou uma pedrada no peito; não deu cavaco e bebeu apenas uma sangria. Dous mezos depois; deitou sangue pela boca e, chamand'o mo-

dico, soubo que era incuravel sua molestia, resultado da pancada forte que no peito levava. E effectivamente, não durou quatro mezes; ha dias deu a alma ao Creador, graças aos brinquedos dos moleques e á indolencia da policia da Bahia!

— Pobre terra!

Vejamos si agora apparecem providencias.

— Que mulheres são aquellas n'uma das portas da egreja de S. Domingos?

— Moram alli

— E fazem daquillo cortiço! Quanta rapazeada a entrar!

A culpa tem quem dá consentimento para taes cousas.

— Capitão, que noticias me dá do Riachuelo?

— Não tenho correspondente no Sul.

— Capitão, eu fallo do Riachuelo da Bahia, um vapor que se esta construindo no arsenal de marinha.

— Ah! Dizem que falta-lhe a caldeira; está-se no fabrico da terceira, visto que com a collocação da segunda andou elle menos que da primeira vez.

— E gasta-se assim o dinheiro da nação!

Habil engenheiro, Deus te conserve!

— Houve ordem da presidencia para que se mandasse calçar a frente do tanque d'Agua de Meninos, que está em estado de estropiar, mancar e quebrar as pernas aos cavallos do esquadrao.

— Houve, mas o concerto não se fez.

— Que lhe dê a rasão o Sr. engenheiro director das obras militares.

— O contracto da limpeza diz que esta se estenderá á Penha nas immediações da Calçada mais ou menos; parece-me portanto que até a fonte d'Alegria, até o principio da Vargem, devia se estender a limpeza. Por alli entretanto não passam carres, e la está, ha dias, um porco podre, a incommodar quem passa!

— Bem servido está V. si pensa que a limpeza lhe attende; no beco do Pilar está um gato podre, os carros passam pela Cruz do Paschoal, a limpeza funciona no beco e o gato permanece. Entretanto eu nada digo, por que ha um artizo no contracto que diz que quem quer dar avisos que vá ao escriptorio da empresa.

— Alto lá! fica sempre salvo á imprensa o direito de indicar o abuso.

— Pois si fica, ella brada, e os abusos continuam: parece que o Sr. Costa Guimarães faz tinbre em não ouvir o que lhe dizem as gazetas.

— Veja que desaforo de gallegos! Chamam os burros de Princeza, Mulatinha, Sinhá e outras cousas semelhantes!

— Que diz?!

Muxingneiro! Vae esperar por esses patifes; o primeiro que proferir alguma dessas asneiras offensivas que ouviste contar, seja por ti posto em lugar do burro para conduzir o carro; o que elle fará de baixo de furiosas e não interrompidas tacadas.

A PEDIDO

— Não sei para que servem as listas, que a lei manda os inspectores de quarteirão fornecerem ao juiz de paz!

O juiz de paz de Santo Antonio fez o que quiz, alterou as listas a seu bel prazer, diminuiu-as em uns quarteirões augmentou-as em outras, fez o diabo a quatro.

— Pouco tem que admirar; o homem teve a faca e o queijo nas mãos!

— Mas affianço que muito terá V. Ex. que admirar, quando na volta eu lhe contar certas *cousinhas*.

— Pois venha com isso que já *tarda a remessa*.

Pede-se a um Sr. que anda de *thuribulo* pelo Forum o favor de restituir os 2\$ rs. que por *graça* foi buscar na vespera do Natal, em casa do homem que cava *terra* sem seu consentimento; pois que para o tempo já é de mais.

A subtracção das chaves

O abaixo assignado pede aos Srs. redactores do *Alabama*, que declarem por sua honra si tem elle nesta folha escripto cousa alguma contra o Sr. Guimarães, arrematante da limpeza desta cidade. Faz esta pergunta não por que tenha medo de cousa alguma, caso tivesse escripto, e sim para não carregar peccado dos outros pois sempre teve de costume quando escreve alguma cousa contra alguém, assignar seu nome, como tem feito com outros

Bahia 5 de fevereiro de 1863.

Pe V. etc.

Florencio da Silva e Oliveira.

O Sr. Florencio da Silva e Oliveira nunca participou em ommissão alguma da limpeza da cidade; nunca nesta folha escreveu neste nem em outro qualquer sentido.

A Redacção.

Sr. Aurelio, V. chama os companheiros relaxados?!

E' certo que na sua queixa qualificou de relaxado a um moço que sempre foi bem considerado entre todos, e que teve uma educação que fica a perder de vista d'aquella que V. recebeu em Portugal?! Ora, Sr. Aurelio, não seja tolo, nem queira experimentar o gosto *de casca de boi*...

Relaxado é V. que descaradamente vive amancebado com uma rapariga que libertou para esse fim em casa de uma nobre familia, tendo-a publicamente na rua dos *vasos d'agua*, á vista de todos, e pondo-se na janella com ella a catar-lhe as immundicias n'essa cabeça de burro, d'onde nunca sahio senão burrices. Socogue... heim!... depois não chore!...

Olhe as reprehensões!...

O Dr. Murrinhos.

— Apreciem isto.

Pedro em qualidade de proprietario de um jornal que se publica em Latronopolis, foi chamado aos tribunaes por um escripto calumnioso contra Paulo. O juiz pronunciou a Pedro, e em consequencia tem de se defender no tri-

bunal do jury. Da pronuncia que Pedro teve, pedira fiança que lhe foi concedida, e nomeados os arbitros, um delles, que é doutor, e com fumaças de grande cousa, deu o seguinte laudo:

«Em vista da sentença f. *conlemnando o falso impressor* (Pedro) a quatro mezes de prisão simples, avalio o damno causado e custas em vista tambem da circumstancia de ser ja fallecido o *condemnado* (é vivo) na quantia de 1:000\$, salvo melhor juizo. Bahia etc. etc.»

E' visto nas Oliveiras.»

—Que pedaço! De sorte que o condemnado é fallecido quando todos sabem que é vivo!

—E quando estivesse morto, cessava o processo e não havia necessidade de arbitrar fianças.

—Fertilidade da cabeça original do *advogado em mangas de camisa...*

—Forte burro!

Pede-se ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, que faça vir a sua presença, pelos meios competentes, o processo por injurias verbaes instaurado ante a subdelegacia da Penha em que é author Severiano Cabé, e reu fulano de tal Lima e aprecie a imparcialidade e justiça, com que se houve o *digno subdelegado* daquelle *feliz* logar.

O amigo da justiça.

Atenção!

Pergunta-se por que razão acha-se ainda encostado um guindaste fundido no arsenal de marinha, ha bastante tempo.

Será por falta de tinta?

Será por falta de solla para os planos da cabeça?

Ou será pelo calculo das rodas dentadas?

Espera-se resposta.

Um curioso.

—Breve sae de Latronopolis o *Lopes*.
—Estava entre nós esse diabo?! Não saber eu para esganal-o!

—Não desperdico seus bons desejos;

o tal *Lopes* de que lhe fallo é caricata; em quanto o *Lopes* do Paraguay organisava exercitos que punha em campanha, o de Latronopolis intitulava-se, sem haver tropa, chefe dos armamentos.

—Provavelmente os de guarda nacionaes inutilizados que vão para o arsenal.

Pois que Deus leve em boa hora o tal bobo por bem longe desta terra onde só deu beneficios!

A quem souber.

Deseja-se saber a razão porque ainda está na officina das machinas, no arsenal de marinha, uma bomba que, ha perto de dous annos, la foi afim de melhorar se lhe o systema.

Será por falta de azeite para os bronzes, engenheiro?

Um innocente.

—O que é isto?

—E' o extracto de uma carta achada, nas immediações da secretaria da policia, por um varredor da limpeza da cidade.

—Lêa.

—«Minha Querida.— Como desejo ter uma occasião opportuna para a manifestação do meu amor, peço-lhe que em vista do exposto haja de me mandar dizer qual o dia e hora em que pode ter logar uma entrevista.

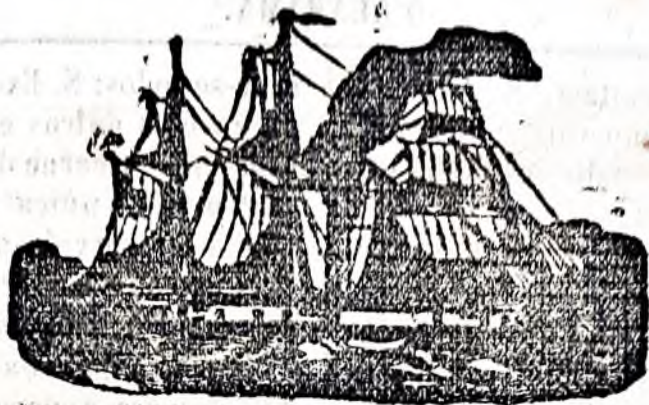
Seu amante fiel,

O Dr. Cathegoria »

ANNUNCIOS.

Preciza-se de uma ama para coziha para pequena familia, quem pretender dirija-se ao deposito de cal ao Caes Dourado.

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.º 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.º 33. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

10 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 1.ª—N.º 8.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avuisa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, Bordo do *Alabama* 9 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande examinar a rua do Imperador e ver si foi cumprido o que a Illma. mandou fazer quanto ao aterro e concerto da mesma rua. Informamos que não houve nivelamento sinão na porta do encarregado da obra, ficando o resto da rua no mesmo ou em peor estado.

Espera-se portanto que a Illma. tome em consideração este pedido, que tem per fim economisar os cobres municipaes que são tão minguados como se allega e que não comportam destes grandes desperdicios.

—A' mesma, pedindo-lhe de novo para mandar intimar o dono ou morador de um sobrado n.º 14, ás Portas do Carmo, defronte da botica do Sr. Andrade, sobre a necessidade que ha de concertar a bacia das janellas do mesmo, a qual está prestes a cahir, e provavelmente em alguma cabeça.

—Sahiu ja o 3º numero do *Agricultor Bahiano*, folha redigida pelo muito conhecido Sr. Dr. Mello Moraes.

—E sahiu tambem o *Mané de Souza*, satyrico-politico; como ja trabalhou na companhia Bahiana, intende muito de negocios maritimos.

—E dirige-se, em ar de phosphoro, sem respeito, sem consideração alguma, ao capitão do *Alabama*, para perguntar á thesouraria provincial que deficit ha na verba dos passeios do presidentes.

—Mané de Souza de tudo intende pouco, principalmente de *politica*.

E como o caso é de utilidade publica, custa pouco fazer-lhe a vontade:

Pergunta-se á thesouraria provincial que *deficit* ha ja na verba — passeios presidenciaes — afim de ser ella augmentada no proximo orçamento.

—E eu recomendo ao publico que se dê ao trabalho de ler o *Mané de Souza*, que promette no 2.º numero apresentar-se em exposição, dando o seu retrato ás avidas vistas dos meninos da Candinha.

—Em quanto servem uns de salsaparrilha, servem outros de *le-roy*; com bons pés voltou a esta terra o Dr. Leão Velloso.

—Acaba de ser nomeado 1.º vice-presidente desta provincia.

—Andar assim

—Embarcou-se hontem, 8 do corrente, o batalhão Imperatriz; foi levado ate a bordo pelo presidente e toda mais companhia.

—Deus o leve a salvamento!

Constando ao Sr. Samuel Marback (que até perguntou a alguém) que o author de alguns artigos sobre a subdelegacia da Penha era o Sr. capitão Herimenegildo—apressamo-nos a affiançar-lhe, sob palavra de honra, que assim não é. A pessoa que lh'o affirmou não pode ser sinão um miseravel intrigante, que quer ver destruidas as boas relações que existem entre S. S. e aquelle digno cavalheiro.

—Ninguem mais do que S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia sabe quão pernicioso é o brinquedo de entrudo; e a prova está no seu edital. Pede-se-lhe contudo que active as providencias, que lance suas vistas para a Preguiça, onde ha uma casa em que se faz timbre de molhar com aguas sujas a quem quer que passe. O entrudo ja principiou, não se pode sair a noite, os moleques atropellam, insultam e molham a qualquer um.

—E em Itapagipe?!

Joga-se alli as pessoas ao mar, desde os escravos que sabem a mandado de seus senhores até os figurões que voltam da missa. Para alli é preciso tambem alguma providencia.

—Confia-se no Sr. Dr. chefe de policia

—Capitão, uma historia, isto é um facto.

—Pode contal-o.

—Certo presidente fez uma viagem por um rio, justamente como ha pouco o Sr. Dantas passeiou pelo Jequitinhonha.

Tendo andado bastante, sobreveiu a noute e foi preciso desembarcar; havia em terra apenas uma cazinha de palha e a comitiva de S. Ex. compunha-se de muitas pessoas: estudantes, poetas, empregados publicos, empregados dos vapores e mais tres estrangeiros indagadores. Na tal cazinha accommoda-

ram-se todos; S. Ex. n'uma pobre marquezza e os outros em estoiras; comeram ali sua carne de sortão e tomaram seu *prego*, unica refeição que lhes pode ser servida naquellas paragens.

O calor porem era de abafar; os tres estrangeiros sahiram a tomar fresco.

Depois o dono da cabana contou que na vespera apparecera nas immedições uma onça.

Bebé (que era o poeta) poz-se a tremer e ficou alagado de suores frios; de quando em quando olhava para a porta e perguntava porque a não fechavam de todo; os companheiros riam da coragem do homem dos bigodes.

Entretanto a demora dos tres estrangeiros começou a causar cuidado aos companheiros, depois da historia da onça.

Principiou a chover; dous estrangeiros appareceram; a porta estava meio cerrada, e a chuva continuava a caelaros.

O terceiro estrangeiro tinha uma grande cabelleira e maiores barbas; parecia um leão ou um urso; com a chuva procurou tambem a eaza, mas com passos lentos; ao chegar á porta que estava meio aberta, fez apparecer a cara, e um dos da comitiva bradou: Olhe a onça!

Todos olharam para a porta e riram-se a morrer, ao encontrarem a cara exotica do estrangeiro que os espreitava; Bebé porem a nada deu tempo, pulou em cima da marquezza, saltou ao chão, metteu-se debaixo da marquezza, onde, apesar das gargalhadas dos companheiros, se conservou, até que o foram dalli tirar.

Bebé sabiu n'um estado de grande prostração, e julgando-se ferido pela onça, perguntava, apezar de medico, si sangue fedia. Bebé estava com as calças inteiramente borradas!

A gargalhada renovou, augmentando-se, e é hoje isso cousa em que se falla em qualquer grupo.

—Tambem que quer?

Bons companheiros escolhia o tal presidente; si levasse alguma mulher de *capona*, resava contra o bicho e ninguem tinha medo.

—Mas ou assim ou assado, não admira que um homem tenha medo de uma fera; cousa que me poz o queixo á banda foi ver um gato-marisco a correr de uma coruja!

—Vem cá, vaqueiro dos diabos!

Então ainda te não resolveste a tomar geito?

Isso é de vigario ou de *abutre*?

Como a mãe do menino morto não tem dinheiro, tu deixas o menino apodrecer!

Carniceiro!

São passados tres dias, a pobre da mulher arranjou 6\$ rs, e tu ainda assim não interras o defunto!

Monstro!

Si não houvesse subdelegado, si o inspector não attestasse, podia o menino ficar uma semana em casa, que tu cavaco não davas!

Si és *abutre*! si te deleita o cheiro de carniça! Cousa ruim!

—Capitão, o tempo não está para graças; de graça os cães...

—Salado! Não foi a falta de dinheiro que te levou a praticar essa miseria mais; o teu genio diabolico é que te faz commetter todos os crimes.

Ora dize-me lá:

Porque surraste barbaramente uma tua escrava, que provavelmente já morreu das pancadas?

—Porque andava a fazer de onze lettras lá com a minha cunhada que quer cazar com o merotinho.

—É confessa-o!

Diabo, que tens tu com a pobre moça? Ella é tua filha, tua irman, tua afilhada ou pupilla? Diabo, não me faças enganar-te desde já!

Mas por tão pouco, era preciso *matars* quasi a negra e envia-la para a tua vaccaria do sertão? E com ordem de, si escapar, lazeram-na arrepender de ter resistido aos martyrios que a fizeste soffrer?

Satanaz, anti-christo, aza-preta, cruz eu te esconjuro!

—Ainda que eu seja diabo, sou baptisado, não respeito essas cousas.

—Muxingueiro, faz exorcismos para

fazer desaparecer este espirito imundo!

A PEDIDO

—Capitão, grande novidade.

—Qual é ella? Vamos lá e empurre-se quanto antes que tenho mais que fazer.

—O negocio não pode ir assim de enfiada, porque é bastante interessante, sinão para V. Ex. ao menos para outros.

—Outros quem? Apresse-se; anda sempre V. com rodeios toda vez que tem de dar-me alguma nova!

—Tenha paciencia, que desta vez seroi breve, além de que não lhe ha desagradar o que vou dizer-lhe.

—Deveras? Muito estimo.

—O *escriptor dos trens de paz*, o tal que foi mudado da terra da borracha, acaba de fazer uma descoberta que muito deve importar aos amadores do spiritismo. Oh! capitão, na verdade o homem parece que muito lucrou em morar tanto tempo entre borrachas, porque voltou com a consciencia e cabeça elasticas! isto conhece-se facilmente, e o que tenho de dizer-lhe comprova-o.

—Pois então acabe logo com isso, por que, si realmente o que pretende dizer-me, e que diz foi descoberto por elle tiver merecimento hei de galardeal-o.

—Acaba o tal *escriptor* de assegurar a seus companheiros de repartição, que o *spiritismo* é uma sciencia de incontestavel verdade, que o sabe pelas experiencias que tem feito por aprofundar esta materia.

—Mas então, quaes são os resultados que tem colhido o seu personagem? Isto está me parecendo chufa.

—Não Sr., meu capitão. Entre outras, diz elle que sua mulher, tres annos depois de morta, escreveu-lhe uma carta em inglez!

—Ah! ah! ah! Pois logo em inglez, é pena que não fosse em grego.

—Capitão, não ria-se que o caso é serio, e o factio de ter a carta sido es-

cripta em inglez, é, a meu ver, o que mais faz com que elle seja acreditado.

—Mas então o que quer dizer com isso? não intendo.

—Eu me explico. Conheci muito a mulher do escriptador, era uma senhora muito prudente e acatellada; tão prudente que ainda depois de morta calculou que a carta que fazia a seu marido podia chegar-lhe ás mãos depois de jantar e por isso escreveu-a em inglez, por que na verdade a essa hora o tal cujo maneja perfeitamente essa lingua.

—Ora va-se dahi! quem pode la acreditar que defunto falle inglez!

—Não, capitão, não é o defunto, é o espirito do defunto quem falla, sempre que se magnetisa alguém.

—Ainda assim não me convenço.

—Pois creia, capitão, olhe que com esse homem tem se dado episodios muito interessantes. Sabe o que a pouco elle affirmou-me? Que na terra onde esteve serviu-se muitas vezes de borracha para assento, isto é que la ha muitas cadeiras de borracha, e que comeu muita gelea de vergalho de vaca.

—Ora suma-se, antes que o mando metter no purão, V. quer cassuar? Pois ha la alguém que acredite em semelhante metamorphose!

Isto so na boca de quem, por viver com as borrachas, ficou todo emborrachado.

—Ora veja o que succedeu a quem quer voar com azas de leão. Um *pinto* deixando as *silvas*, bateu um dia as empennujadas azas, mudou de provincia e subiu até a cadeira de governador, onde se inculcou de Cincinnati. Eis senão quando, tangem o bicharoco do throno, e vem o pintainho corrido abrigar-se de novo sob as arvores do *passeio dos affligidos!*

—Eis o que é o mundo!

Esta historia já ouvi contar em Serpige, e passa por certa.

Presumpçosos, mirae-vos neste espelho!

—O porto da Ribeira em Itapagipe está inteiramente obstruido; ha muito

que clama contra isso a imprensa.

—Ja uma vez houve providencias.

—Quaes? O capitão do porto mandou um sujeito examinar e o exame cifrou-se em um jantar com um tal Tuvo que é justamente quem obstrue o porto.

—E' para ver! As lanchas de fora espetam-se diariamente nas cavernas dos navios desmanchados; ja não ha saveiro que alli aporte, fazendo apenas viagem e fundeando no porto as canoas dos moradores dahi, que ja conhecem os escarpeus.

—E tudo em proveito d'um homem que arreinata navios para desmanchal-os.

—E é prohibido?

—Não; mas ao menos que tenha elle obrigação de remover do porto as osadas que impedem a livre entrada e sahida dos barcos que fazem o commercio dahi.

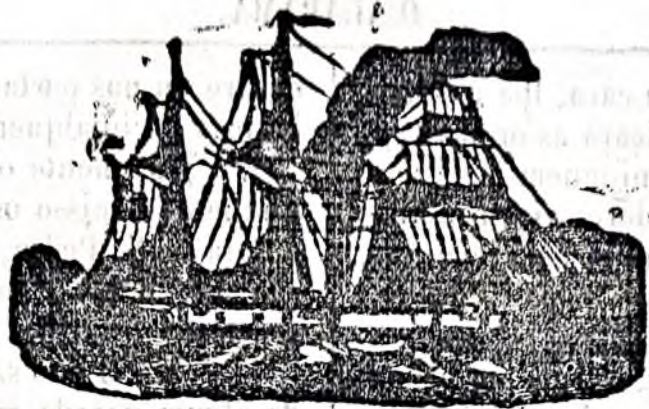
E' preciso por tanto que o digno Sr. capitão do porto dê um passeio até la, examine aquillo, e veja e decida por si si é possivel continuar aquelle atropello maritimo, aquella obstruição desnecessaria, a não ser para proteger a indolencia e os interesses dos mercadejantes.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado, administrador da sociedade de bailes pastoris, denominada *União*, tendo por innumeradas vezes pedido ao nobre Sr. director e mais membros para prestar contas, por meio de uma sessão da assemblea geral; e não sendo attendido, talvez por ser tal pedido feito particularmente, vem por meio da imprensa renovar-o, pedindo desculpa aos Srs. socios de ter assim praticado; pois que tracta-se de salvar a responsabilidade do abaixo assignado, na qualidade de encarregado da receita e despeza da mesma sociedade.

O mesmo roga a alguns socios que ainda não tem recibo de quites o favor de irem tomar até o dia 12 de fevereiro em mão do mesmo. Bahia 4 de fevereiro de 1866.

Eduardo de Abreu Contreiras.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

13 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 1.^a—N.^o 9.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de fevereiro de 1866.

Não houve expediente.

—A limpeza da cidade, que tantos beneficios poderia trazer-lhe, até hoje só tem trazido vexames à população! O contracto ainda não foi cumprido em um só artigo; ainda um só carro de cisco não foi depositado nos logares designados; os monturos ahi estão; e, o que é mais, o Sr. Costa Guimarães encarregou-se de povoar as immedições da cidade, logares bastante habitados, de innumerados esterquilinios!

E' assim que ha monturos na Calçada, no Rio das Tripas, na Matança, na Estrada Nova! E' assim que augmenta o mal que o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio quiz remediar. E' assim que em vez de monturos parciaes, o povo é obrigado a pagar 500 rs. mensaes para fazer-se um monturo geral no centro da população!

E' assim que a accumulção das materias putridas produz miasmas deletorios em grande quantidade e o povo *paga cabeça* para sustentar focos, causas perennes de molestias! E' assim que

o Sr. Costa Guimarães recebe dinheiro e mata o povo de que antes abusa, porque não ha um governo energico que obrigue o contractante desleal a cumprir com os deveres que lhe impõe a lei e sua assignatura, visto que a firma de um homem tem muito valor para quem tem brios!

Oh! grande Deus, como vae esta terra!

Apregoam por ahi que S. Ex. o Sr. presidente tem feito muitos beneficios a esta provincia; o maior beneficio que elle podia fazer-lhe, o maior favor que elle podia prestar a esta capital era rescindir o contracto com o Sr. Costa Guimarães e mandal-o apprender a cumprir palavra, a não zombar do publico e da primeira authoridade da provincia! Não tem termos tantos abusos! ja não podem ser tolerados tacitamente; é preciso que alguém proteste contra tamanho escandalo.

Agora mesmo, la está na Estrada Nova um enorme monturo na roça do Sr. Pedroso; ha alli de tudo, sem exceptuar animaes mortos.

O logar é bastante povoado, tem diversas cazas boas, alguns sobrados e muitas familias; pois por alli ninguem é capaz de passar sem tapar fortemente o nariz.

Tapo embora o nariz, não pode encobrir todo o corpo; um enxame de

moscas lhe cobrirá a cara, lhe azoinará os ouvidos, lhe picará as orelhas.

Dentro das cazas ninguem pode com as moscas, os moradores vivem allictos, e pode fazer-se ideia do bem que lhes causará aquelle cheiro continuo, que tambem vae adiante.

E isto quando o governo, em beneficio da população, mandou desobstruir o rio das Tripas! De sorte que é o melhoramento por parte do governo e o empeioramento por parte do protegido Sr. ex-tenente coronel Costa Guimarães! E' o governo a fazer com as mãos e a limpeza a desfazer com as patas!

Isto só se vê na provincia da Bahia, onde o escandalo da afithadagem e do patronato subiu tanto que nem o *salus populi*, a vida dos cidadãos impede o abuso na sua desenfreada carreira!

Oh! miseria!

—Falleceu no dia 9 do corrente o Rev. padre José de Assis Gomes.

—Falleceu no dia em que completaram quatro annos que celebrou sua primeira missa.

—Seu corpo esteve depositado na matriz de Santa Anna, onde houve officio e encommendação e donde seus collegas e amigos o conduziram até o cemiterio da Quinta dos Lazaros, em que foi sepultado.

—Sacerdote irreprehensivel, filho exemplar, amigo sincero, o finado deixa um vacuo no coração dos que com elle tractaram.

—A terra lhe seja leve!

—Pois a policia manda de vez em quando elegios para a gazeta, diz que deu providencias contra os moleques, e os moleques, sempre, em toda a parte, a incommodaram o publico! Ora pelo amor de Deus!

—Mas que quer? Não se pode extinguir os escravos alheios.

—Mas podem ser castigados por correção. Pois pode-se aturar, impassivel, que um chusma de moleques ande a proferir palavradas, sem respeitar as familias, e as vá de proposito repetir,

dentro ou nas portas das vendas, lojas, boticas ou qualquer estabelecimento?

E é justamente o que succede; distinguem-se nisso os moleques da freguezia de S. Pedro, que não sabem da rua de Baixo, ponto certo de suas sessões.

E a policia não sabe de nada; quando algum guarda mais activo espalha com a chibata um rancho de taes peraltas, ella no dia seguinte manda para a gazeta dizer que a policia cabiu do ceu, que é providente e providentes a mais não ser, que os moleques foram espalhados, que a patria está salva; e contenta-se com isto!

—E' que nós navegamos n'um mar de rosas. . . .

—Eu não sei para que fazer leis e regulamentos para não serem cumpridos!

—Refere-se ao entrudo? E' impossivel extingui-lo.

—Em quanto não houver um chefe de policia energico que tenha bastante vontade para fazer cumprir o edital que elle assigna e publica.

Mas não é a isso que me refiro. Ha alguns annos apparecem sempre pelo entrudo diversos mascarados a cavallo e a carro que percorrem as ruas desta cidade; este anno o Sr. Junqueira, no seu regulamento carnavalesco, intendeu que so devia ser permittido pelas ruas o transito de mascarados desde a casa destes até o theatro. E comtudo elles so não andaram por onde não quizeram; andaram a atropellar os viandantes, a molhar as familias e a ser por ellas molhados.

Si o Sr. Junqueira desejava consentir carnaval e mascarados, porque disse que o não queria, que era prohibido passeiar-se mascarado? Dar-se-ha caso que haja proposito firme de mostrar que sua palavra não tem peso real, nenhuma consideração deve merecer?!

—Oh! isso tambem não!

E' que S. Ex. é rapaz moço, gosta de divertimentos, principalmente dos que vem da França, e ao formular o regulamento, so se referiu ás noites de baile.

—Ah!

Em todo o caso me parece que é prohibido a qualquer por-se a *masqué* sem ordem da policia.

—A limpeza vae em progresso! a ladeira do Carmo esteve n'um vergonhoso estado: mudaram-se algumas pessoas de uma caza e deixaram á porta da rua barricadas com cisco, trapos, cacos e penicos.

Por mais de quatro dias la permaneceram elles a attestar que o Sr. Costa Guimarães só quer dinheiro, zombando da paciencia do povo desta terra.

—Com effeito!

A PEDIDO

—Embarcou-se o ex-commandante das armas.

—Já sei e vi no *Diario* que lhe offereram uma commenda.

—Podiam até offerecer-lhe uma coroa; mas não posso deixar passar calado uma mentira que vae na commenda. Contribuiram para ella os officiaes do exercito, alguns dos quaes assignaram por formalidade, ou para não ficarem em vista com seu superior; tambem para ella contribuíram alguns poucos officiaes da guarda nacional; ainda porém quando assignassem todos os officiaes de guarda nacional, me parece que não tinham *elles* o direito de mentir assim!

—Assim como?

—Dizendo no verso da commenda que era ella offerecida *pela Bahia agradecida*.

—Bello!

—Então os taes officiaes reformados se julgam com direito de representar a Bahia?!. . . .

E a Bahia agradecida! Mas a que?

O Sr. coronel Lopes podia ser muito bom moço no tracto particular; mas em militança, que favor lhe deve a Bahia? que serviço fez elle?

Onde ficam os Coelhos, Leite Pachecos, Fontes, Fonseca Costas, Francisco Felix e mesmo Bittencourts?

Ora pelo amor de Deus! vão plantar latas os taes *encommendadeiros*, que

bão mereciam forte lecção por arranjarem sermão que ninguem lhes encommendou!

Que atrevimento!

A Bahia agradecida!

Proh dolor!

—Capitão, ouça isto:

O subdelegado de Brotas teve noticia do facto de terem sido brutalmente espancadas duas moças nas Pitangueiras e ordenou ao inspector do logar que lhe dêsse parte circunstanciada do caso.

O inspector respondeu ao subdelegado que apenas houvera altercação de palavras entre um homem e sua amazia, e que o mais eram cousas da gazetinha *Alabama*, folha que nenhuma consideração merecia.

—O tal inspector é que nenhum conceito merece, si com effeito procedeu assim, porque mentiu a seu superior dando-lhe uma informação falsa, quando todos os moradores do logar sabem do facto e o estado das infelizes é a prova mais clara do occorrido.

—Porém como não havia de ser assim si consta que a pessoa a quem se dirigiu o inspector para tomar informações foi o proprio aggressor?

—Pois si o Sr. subdelegado quer desenganar-se, perca um dia, vá as Pitangueiras, syndique o facto e verá a fe que merece a parte do seu inspector.

—A companhia do olho-vivo é do diabo. Nunca vi gente mais atrevida!

Foram á casa do Sr. Joaquim Fernandes Ribeiro em Itapagipe, em quanto este jantava com sua familia, entraram no quarto e levaram-lhe o relógio e uma carteira com 200\$ rs.

—Que audacia!

—Porem o que é mais extraordinario é que no outro dia amanheceu em sua porta a carteira vazia e o relógio sem a cadeia.

O Sr. Fernandes Ribeiro gratifica generosamente a quem der informações certas do ladrão.

—Elle que vá esperando.

—Veja quo tal è a nossa policia: Hontem (11) da casa n.º 8 á rua de D. José jogava-se agua a valer em quem passava. Os escravos que iam a mandado de seus senhores eram agarrados e mettidos em banho. Para mais a seu salvo *brincarem*, os taes entrudadores, convidaram a patrulha que passava para *tomar um pouco de vinho*, e la se foi ella tambem metter no pagode e fazer parte da folia.

Passa segunda patrulha e novo convite foi feito: o commandante acceitou e entrou, mas o companheiro não quiz e ficou na porta. Os homens entenderam que aquillo era desaforo, e quizeram molhar o soldado que se não quiz sujeitar ao banho e puchou pelo espadagão.

Foi um Deus nos acuda; tomaram o relle do tabareu, quebraram-no; este deu voz de prisão; houve um alarma dos seiscentos, gritos, confusão, muita cabeça *esquentada*, a rua apinhada de povo, e por fim ficou tudo em nada e ninguem foi preso.

—Mas como haviam elles de prender si tinham ido serrar o *piguá* dos homens, e beber-lhes o vinho?

—E' para ver; sujeitam-se por um copo de vinho a serem ludibriados.

Mas veja o resto:

Serenado o barulho, cada qual tomou seu caminho. Dahi a dez minutos o cabo de esquadra commandante abandonou seu companheiro, e veiu para a venda do Albino tomar vinho com os homens da rascada.

E' preciso em tudo isto fazer justiça ao soldado do relle quebrado, que em nada concorreu para aquillo, não acceitando vinho para deixar brincar-se entrudo.

—Bem; o Sr. Salles lhes fará as contas.

—Quem é aquelle sujeito?

—Disseram-me que um preso.

—Então pode bater palmas á sorte. E' dos taes que fugiram, fazendo nariz a policia do Sr. Junqueira? E' provavel; ja o outro dia me mostraram outro. Tem rasão os capadocios e os in-

tendedores *marechaes* no Prata) de dizerem que os *cujos* andam por aqui mesmo.

—Pois enganou-se; não é nada disso. Aquelle sujeito, além do preso, está doente.

—Ora que novidade! Pois não foi do hospital que os presos fugiram!

—Ouça rapaz: aquelle preso que eu lhe estou mostrando é doente que sac da *infermaria de Marte*, lá para as bandas dos *Affligidos*.

—Ah! como está doente, deixam-no sahir para tomar ares! Tem bambas as pernas para não fugir. . . .

—E apezar de um dos taes ter sido preso lá para as bandas do becco do Grelo, querendo tirar os ares ás raparigas, o *aconselhador chefe dos defensores da patria* nunca soube de nada! nenhuma providencia deu o tal innocençaço!

—Que quem o substituiu dê as providencias!

ANNUNCIOS.

No dia 4 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, perdeu-se do Gravata até o Terreiro uma carteira com algum dinheiro, diversos papeis de importancia e um bilhete premiado com 10\$ rs.

Dá-se além do dinheiro que tinha dentro mais uma gratificação a quem achou e queira entregar os papeis na loja de barbeiro Boa-nova ao Guadalupe,

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.ºs 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.º 35. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.

Na freguezia de S. Pedro Velho, rua dos Curraes n.º 33 indo para os Barris, precisa-se fallar com a Illm.ª Sr.ª D. Cactana Silvestre Lisboa, para negocio de seu interesse, e por se ignorar a morada de S. S. é que se faz o presente annuncio.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

15 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 10.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Engenho da Conceição, acompanhado do muxingueiro e faça por este *esfregar* a um certo Faustino e sua amazia Mariquinhas Sete C. . . . , afim de não continuarem escandalosamente na janella a dar abraços e beijocas, sem respeitar as familias honestas da visinhança. Cumpra.

— Dizem que o juiz de paz de Santa Anna dá audiencia as seis horas da manhan.

— Não admira, que não é o primeiro; o de Santo Antonio escolheu a mesma hora, afim de aviar-se em tempo de poder seguir para sua loja.

— E as partes, o publico que sofram! A's 6 horas da manhan ainda muita gente dorme.

— Mas não dorme o Sr. Justiniano, que mora na Cruz do Paschoal e acorda com o toque da *garrida* do convento do Carmo.

— Em todo caso eu acho a hora impropria, até porque em Santa Anna não ha sino que acorde a gente.

— Também é celebre!

— O que?

— Em certos logares, ruas inteiramente habitadas, não ha illuminação a gaz; em outras, bem que povoadas, a illuminação de nada serve.

— Mas porque?

— Porque ha roças e as frentes dellas estão cheias de arbustos, de matto; a columna do combustor é plantada nas extremidades lateraes da rua, mas estas estão abrangidas pelo matto e fica portanto a illuminação sem serventia; clarêa apenas os arbustos que a impedem de clarear a estrada.

Ora isto tem termos?

A companhia não tem empregados para verem isto?

— Mas a companhia nada tem com isto; o que V. deve perguntar é si o governo não tem um fiscal para lhe dizer que a illuminação acha-se em taes e taes condições; que é preciso providenciar-se neste ou naquelle sentido, afim do governo officiar á camara e esta então fazer cumprir-se a postura que obriga os proprietarios a terem limpas as frentes de suas cazas.

— Não sei, não sei.

Ou companhia do gaz, ou fiscal do governo, ou camara, ou governo, o que é certo é que o povo esta pagando para se illuminar o matto e não a rua.

E quem duvidar que dê um passeio

à Estrada Nova, do arco em diante, o veja com seus proprios olhos até onde chega o deleixo nas cousas publicas desta terra.

—A policia mandou dizer no *Diario* de 12, que este anno, minorou o abuso do entrudo; mas que por causa do brinquedo, um menino da casa da viuva Lentini ficou a morrer.

—E que certo empregado publico desrespeitava solemnemente a lei, entrudando na Preguiça.

—E faltou dizer que na freguezia de Santo Antonio appareceram diversos capadocios a sujar a cara dos pretos com farinha de trigo e manteiga de porco!

—E que por toda a parte choviam caldeiradas em cima de quem passava.

—E que até o chefe de policia tomou um banho de choque.

—E que algumas authoridades tambem brincaram.

—E que si tal não fosse, o escandalo não subiria a tanto.

—Morreu afogado no dique um infeliz homem de nome Felix, que soffria de alienação, e esteve exposto vinte e quatro horas nas margens do dique sem que ninguem se lembrasse de mandar interral-o!

—E' porque ninguem sabia; logo que a authoridade teve conhecimento deu as providencias que o caso requeria.

—Ora pecegos! morre um homem afogado, puxam-o para beira de terra, e so 24 horas depois é que a authoridade sabe!

Então não sei para que servem os Marcellinos, Evaristos, Adãos João de Deus, Viriatos e Ricardos, agentes secretos da policia, e esta chusma de soldados que andam nas portas dos subdelegados, delegados, chefes de policia, etc.!

—Os taes soldados de policia são das arabicas! Em vez de accommodarem, são os primeiros a provocar desordens!

—O que fizeram de novo?

—No dia 12 à tarde a patrulha en-

trou na rua das Larangeiras em casa de uma tal Margarida Ciri, mulher perdida pelo brinquedo do entrudo, e que não olha cara para molhar, la comen, bebeu, *brincou* e sahio um pouco *electrisada*. Voltaram á noite, porém de mau humor, e um prendeu a dona da casa, fazendo um espalhafato dos diabos: quiz arrombar a porta, gritou como um doudo, tocou apito a se esganar, poz a rua em alarma, levou pateada dos moleques, insultou o Dr. Malta que procurava accommodal-o; si alguém o aconselhava que tomasse o numero da porta e dêsse parte no outro dia antes do que estar dando aquelle spectaculo e desmoralizando daquella maneira a força publica, elle respondia com uma desandadeira e ameaçava com prisão.

—O dia era d'agua e o homem se esquentou de mais.

—Houve quem dissesse que era despeito, por que voltando com o gosto da tarde acharam o ponto tomado.

E eu achei razão, por que de tantas casas que alli jogavam agua so com aquella embirraram.

—E as vezes a imprudencia de um homem destes dá motivo a graves conflictos, e quando nada expõe a força publica a ser desacatada!

—O *Pharol*, entre os seus triumphos, conta as providencias que alcançou sobre os trocos miudos; entretanto o martyrio continúa, ninguem pode fazer transacções pequenas, o pobre não pode arranjar sua vida, por que para trocar 10\$ é preciso deixar 500 rs. de cambio!

—Exm. Sr. presidente, providencias! Compadeca-se dos infelizes, do pobre povo!

—O que faz tanto povo alli nas Portas da Ribeira?

—E' o Sr. Salles que está jogando o rolo com um Fulano de tal Feio, chapeleiro, que sendo preso, illudiu a quem o prendeu e escapuliu.

—Acho imprudencia no major em entrar na casa do homem para querer tiral-o.

—E eu acho que o Sr. Feio merece acre censura por abusar da condescendencia do official que o prendeu, o qual por bondade o deixou ir a casa mudar de roupa.

—Tudo isto são effeitos das carraspanas do entrudo.

VARIEDADE.

Paulino Cabral, abbade de Jazente, fez contra os frades o seguinte

Soneto.

Desterrado murmura o jesuita,
O dominico o seu lugar pretende,
O neri novos mettho los defende
E ás ricas confessadas faz visita.

Intromete-se o grillo e premedita
Com o cruzio que o seu francez aprende;
E em caza do juiz de quem depende
Entra com pés de lan o carmelita.

O capucho no estrado toma assento,
Exorcisma e esconjura qualquer damno,
E depois sempre traz para o convento.

O loio é fofo, triste e graciano,
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,
Emfim o franciscano é franciscano.

Logo que tal soneto chegou ao conhecimento de um frade franciscano, por alcunha o *lingua de prata*, tractou este de responder ao abbade, o que fez com os mesmos fuaes, no seguinte

Soneto.

Que lhe importa ao abbade o jesuita?
Do neri e dominico que pretende?
Vá cuidar das ovelhas que defende
Que pode no bispado haver visita.

Sabe o author o que o grillo premedita
Com o cruzio que o seu francez aprende?
Pois é dar-lhe as lecções de que depende
E o mesmo lhe fará o carmelita

Não torne a fazer outra, que eu assento
Que do santo cordão sentira damno,
Si inquietar o capucho no convento.

Pode muito o bernardo e o graciano,
Não se metta co'o loio, deixe o bento,
E vá beijar no..... ao franciscano.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Capitão, não sei si se lembra d'um celebre reformista grileiro que appare-

ceu no trem do paz de Latronopolis?

—Pois não! Um que foi desalojado tres dias depois de haver para la conduzido a traquitanda da sua caza.

—Justamente; e que queixou-se amargamente de gastar de balde 70\$ rs. na sua conducção, quando os cacarecos voltaram.

Referi eu acaso que elle tinha outro emprego?

—Fallou nisso, disse que elle deixara o mais pelo menos, facto que se attribuiu a *calculo*.

Pois bem; entre os seus innumerados trastes trouxe elle tambem os poucos moveis da morta repartição que elle dirigia, repartição dos *concertos dos soldados*; achou que era muito pagar elle 70\$ rs. de conducção, sem proveito, e atirou a despeza para as costas da nação, elle, o economico, o reformista, o mata-ladrão.... O governo deu ordem ao thesouro para que pagasse ao honrado Sr. Par-d'aranhas setenta mil reis gastos com a conducção, dos *Affligidos* para os *Noviços* e vice-versa, da mobilia da secretaria dos *concertos dos soldados*.....

—Bem diziam que elle queria dar cabo dos ladrões para ficar elle só.

Ex digito gigas, pelo dedo se conhece o gigante; por abi avaliem o destroço, a *guerra* que ia causar aquelle homem n'uma caza de tanta paz!

E fique registrado isto, para que o publico fique conhecendo quaes são os homens honrados, ou antes quem são os homens que se inculcam de honrados.

Cazal padre Alexandre.

V.

Continúa o Sr. Amorim no seu firme proposito de tergiversar a questão que com elle encetamos, e jacta-se de ter tido grande numero de demandas, que todas tem vencido e que nos ha de vencer portanto, visto ter grande numero de amigos etc.

A epocha é de hespanholadas; attenta a justiça da nossa causa e a moralidade e circumspecção dos tribunaes,

não temos receio de bravatadas.

Si o Sr. Amorim tem ainda a ousadia de propalar estas e outras, é por que não temos um código civil, em que os tratantes encontrem dificuldades e a chicana um termo.

Retiramos porém a questão.

Depois da decisão do egregio tribunal da relação notificamos o Sr. Amorim para em tres dias vir apresentar suas declarações, contas de receita e despeza e todos os mais esclarecimentos para a reforma da partilha, debaixo das penas da lei; o Sr. Amorim apresentou uma petição que é mais um monstro horaciano que uma peça jurídica, contendo allegações falsas, escandalosa trica, mas nunca conseguindo provar que não está, ha mais de quatorze annos, de posse do casal que tem delapidado, qual estragador cometa

O intelligente e imparcial juiz da Provedoria, o Sr. Dr. A. J. Magalhães Castro mandou que a petição viesse nos autos para decidir e deu o seguinte despacho: «Não sendo competente o meio de que usa o inventariante, siga a notificação os seus turnos regulares.» A vista delle, o Sr. Amorim apresentou outra petição pedindo vista para embargos; deu-se-lh'a e apresenta agora os embargos que são a copia fiel da monstruosa petição já mencionada.

Aguardamo-nos para a decisão do juiz.

Acha ainda pouco o Sr. Amorim a retenção e destruição dos bens alheios, ha quatorze para quinze annos; emprega portanto *todos os meios* para a dilação da presente questão!

Os habilitados.

Sr. Aurelio, si V. pretende *subir*, suba por adulações, por pedidos etc.; mas não minta nem intrigue os companheiros, chamando-os relaxados, por que elles tem vergonha de sobra para lhe darem côr ás faces d'esse *famoso* carão.

Attenda-nos, porque é muito feio, quando um superior representa, ainda que falsa e calculadamente, contra um subalterno, ser reprehendido por ter usado de termos improprios e descozetezes para com aquelle que lhe fica

acima, terminando por *chorar!!* porque isso é proprio de covardes e pusillanimes!!

Entende?

Socogue, e veja que se todos lhe tomarem contas dessa e de outras burrices, V. está muito mal?

Não nos faça voltar, porque ha de arrepender-se... e então...ahi vem a historia da Thereza e seu loyo!....

Dr. Murrinhos.

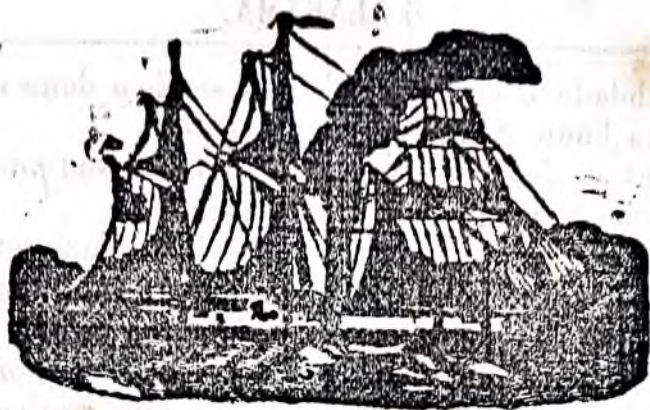
ANNUNCIOS.

Francisco de Assis Gomes, sobremaneira penhorado pelas demonstrações de amizade e affecto, que lhe acabaram de dar os respeitaveis Srs. sacerdotes e os dignos membros da corporação musical, e os dignos numerosos amigos, no infausto dia 10 do corrente, em que teve logar na freguezia de Santa Anna o officio solemne e memento, que, por alma de seu presado filho o padre José de Assis Gomes, fizeram ahí celebrar, e assistiram e conduziram seu cadaver para o cemiterio da Quinta dos Lazaros; vem agradecer-lhes do intimo d'alma todas essas provas de dedicação e desinteresse com que se distinguiram, o tanto mais apreciaveis e reconhecidas, quanto é a dôr pungente pela sensível perda de seu querido filho.

Ao Sr. Augusto Antonio Ribeiro rende igualmente seus eternos agradecimentos pelo incessante trabalho de que se sobrecarregou com sua estimavel familia no esmerado e dedicado tratamento durante o tempo em que viveu seu infeliz compadre e amigo.

De novo pede a todos os seus amigos o caridoso obsequio de seu comparecimento na missa do setimo dia do obito, que terá logar sexta-feira 16 do corrente, pelas 8 horas da manhã, na referida matriz de Santa Anna; confessando-se desde já agradecido por mais esta nova prova de seu favor.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira; quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.º 2.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA — ANNO IV.

17 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 2.ª — N.º 11.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizriecordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 2.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que faça com que os seus fiscaes obriguem os moradores a terem limpas as frentes de suas casas, especialmente os das roças á Estrada Nova, cujos matos e bambús beijam as faces de quem não passa bem pelo centro da rua.

Espera-se que este pedido seja attendido, até por que rende para o cofre da Ilma.

— Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na casa de Asylo, á ladeira de S. Francisco, ha um tal *Camaleão* que não respeita a pessoa alguma, vivendo constantemente a pronunciar palavradas e a fazer reuniões de moleques, cuja algazarra tambem incommoda os vizinhos daquelle estabelecimento.

Espera-se que S. Ex. providencie como intender conveniente, no sentido de fazer cessar aquelle espectaculo diario, pouco digno d'uma capital illustrada.

— Então dá ou não dá de si a empreza dos vehiculos?

— Veremos.

— Assim dizia o cego, que era rapaz de ideias livres e que não admittia privilegios, tolhendo direitos adquiridos, nem causando prejuizos a negociantes estabelecidos. Percebe?

— Ora graças a Deus!

A policia deu um *grude* em alguns membros do *olho-vivo*, que roubaram cento e tantos mil reis d'um matuto no jogo dos dedaes.

— E o *Diario* diz que os sujeitos tem isenções legais para a armada e o exercito; mas que estão todos presos para serem processados.

— E o decreto do Paranaguá ha de pol-os na rua.

E os taes ratoneiros hão de continuar a vasculhar as algibeiras do povo.

— O *Pharol* publica a primeira carta de *Fr. Claudio*; quem gosta do que é bom que procure lê-la.

— Está com effeito divertida!

— Aspirante João de Deus!

— Prompto!

— Tenho que incumbir-lhe de uma importante commissão.

— Estou ás ordens.

—Vá de traje mudado e em ar de disfarce postar-se na Fonte Nova. Por alli passa em certos e determinados dias depois das 9 horas da manhã, uma cadeira toda fechada, sóbe a ladeira dos Galés, e toma o caminho do Mata-tú; quando são 3 horas está de volta.

Acompanho essa cadeira até onde for, e procure descobrir a pessoa que vae dentro, e com que fim se dirige para aquelle lado.

Espero de tudo uma informação exacta.

—Prometo a V. Ex. que em tres dias darei conta da commissão.

—E eu confio na sua pericia.

—O Dr. Sauto embarcou para o Rio.

—Foi fazer o que?

—Dizem uns que tomar assento na camara.

—Para isso é cedo.

—Mas o homem vae talvez incumbido de arranjar maioria.

—Ha de ser isso.

—Dizem outros que vae supprir a vaga do Sr. Silveira Lobo na pasta da marinha.

—Que habilitações tem?

—E' politico, é deputado e depois já fez seu discurso sobre a marinha que muita gente chrysmou de encyclopedia.

—Ah! ha de ser isso, ha de ser isso.

—E ainda dizem outros que o ministerio está bambo, que S. Ex. vao portanto a toda pressa, a chamado do monarcha, para organisar novo gabinete.

—Ha de ser isso, ha de ser isso; é o mais provavel.

—E a graça é que V. concorda com as tres opiniões.

—Que se ha de fazer? Tem se visto tantas cousas, que tudo hoje é possível.

—E' aqui que mora um gallego, vindo de Portugal no brigue *Vasconcellos*?

—Nós dous, que somos irmãos.

—E quem é o dono do armazem?

—E' alli assim o sor meu mano.

—Então o negocio é comtigo, que

não sendo o dono mandas mais do que o senhor.

—Eu cá sou *pardo lavado*! o mano é acanhado.

—E' verdade que tiveste a confiança do dares n'um teu caixeirito, a ponto do menino cabir e quebrar a cara?

—*Não tem duvida*, capitão.

—E que motivo deu o menino para assim o maltractares?

—E' quo eu cá não aturo desaforos; é *camarão na boca, casca fora*.

—Para que mentes? E ainda quando verdade fosse que o menino te desse uma resposta má, não era para fazeres aquillo.

—*Ora da-se!*

—E' verdade que tens continuado nas tuas malvadezas, a dar pasto ao teu genio ferino?

—Eu cá não mudo: *lavado sempre!*

—E' verdade que tendo um infeliz mulato escravo de teu irmão se demorado um pouco na rua, tu o injuriaste, chamando-o de bebado?

—E estava; o cujo gosta da *canguara*.

—Bebado estás sempre tu, gallego d'um dardo, infame labrego que só nesta infeliz Latronopolis pudeste chegar a cousa, isto é a caixeiro de armazem com ares de dono.

—Capitão, *tire seu cavallo da chuva*; podo dizer o que quizer que eu pouco cavaco dou, comtanto que me não toque na pelle. Porque... si se atrever... então ha um *sarceiro* dos diabos e *sáe cinza!*

—Vejam este gallego como quer antecipar as tacadas que tem de levar.

—Capitão, o muxingueiro tambem veiu?.....

Capitão, não se ria! olhe que o caso é serio e meu pao não me faz para levar pancadas!

—O pae do infeliz escravo do teu irmão é que o fez para soffrer os castigos barbaros que lhe quizeres inflingir? Gallego, tu tinhas direito de esbofetear o homem? Tu tinhas motivo de queimar-lhe a cara como o fizeste? Si nesta terra houvesse policia, tu ja não estavas substituindo com a Correção o Limocero donde fugiste? Gallego, tu

não sabes que apesar de escravo o homem é sempre homem e um igual ao outro? tu não sabes que perante a humanidade e a religião todos somos filhos d'um pae, eguaes portanto?

—*Não é com essas, capitão.*

—Mas ha de ser com aquellas, bilatre; é de mais a mais capadocio o *cuyo*, sabe *gíria!*

—Mas, capitão, eu o que estou é admirado d'uma cousa: V. Ex. a defender com tanto affinco um mulato, um bode, um negro!

—E tu o que és, gallego? Pensas acaso que por vires d'alem mar o povo daqui te come por brapco? Quem é que não sabe que por la ha mulatos e em grande numero? Quem ignora que os criouletes que daqui *para la* foram em 1817, e antes e depois, deixaram la bem desinvolvida a geração com as tuas sebosas patricias? Quem ignora aqui que tu és o fructo illicito d'uma dessas uniões ligeiras?

—Ahi está o com que eu não contava: terem o atrevimento de nas minhas barbas, chamar-me mulato!

—Com que tu não contavas era com o presente que te vou dar, gallego capadocio, átrevido e sem vergonha.

Oh! muxingueiro!

—Prompto.

—Conduze-me até bordo este diabo debaixo de rijas vergalhadas; amarra-o no porão, mette-lhe machos aos pés, tracta-o a pão e agua, dá-lhe por dia 500 calabrotadas na cara, até que saíre a cara do rapaz que este diabo queimou com ferro quente.

A PEDIDO

—Quem dá noticias de dous sacos de fumo que ha dias foram apprehendidos, por furtados, no Caes Dourado?

—Eu não sei; um tal Sr. Leopoldo, inspector de quartelão, é quem pode dizel-o.

Bota-fora.

—Dom Salú la foi á vela.

—Não, senhor;

Dom Salú foi para o Rio
No vapor.

—Dom Salú salvar a patria,
Dizem, vae;
Põe por terra, la chegando,
O Paraguay.

Deus te leve, meu *francez*
A salvamento,
E juizo te dê nessa cabeça
De vento!

S. F. S.

«—Qual é o governo do Brasil?

—Monarchico-representativo.

—Quem é o seu chefe?

—O Sr. D. Pedro 2.º.

—Quaes são seus titulos?

—Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.»

E' assim que em Latronopolis se examina aos estudantes que se querem matricular n'academia si tem a *cór vermelha*.

Si porém o pae do menino é adversario politico do Sr. de Itapicurú, o Dr. *Surdo-é*, implacavel, e outros que cedem ao *primo d'el-rei*, condemnam o pobre estudante a manchar sua carreira com um R!

—Urbem... urbem corruptam!

—Capitão, sabe de mais uma?

—Alguma extravagancia.

—Não, é uma descoberta importante: laranginha de borracha não é laranginha, e por isso quem brincou com ellas não paga multa.

—Sem duvida foi o Thomé da Costa Passos quem lhe metteu isto na cabeça.

—Não, Sr., foi uma illustração mais elevada e que intende da materia, por que quando menino muito trabalhou na borracha em Cachoeira.

—Ora vá se dahi!

—E como conclusão disse que laranginha era de cera e sendo a cera feita por abelhas, nenhuma analogia tinha com borracha.

—Que bestunto! Quem é este aborto de raciocinio?

—E' certo coronel que tudo a *justa-no-anno* e que vindo outro dia do Bom-

fim para a cidade na gondola explicou *magistralmente* este ponto.

—Que talento de moço! por essas e outras é que os passageiros das gondolas o chamam — *dinheiro grosso*.

—Venha cá, meu reverendo, julgou que tinha me esquecido de V.?

—Deixe-me, capitão, que vou com muita pressa. Vim a cidade comprar certos arranjos para a família, e volto hoje mesmo para a freguezia.

—Qual freguezia! V. em tempo de safra pára na freguezia! Vae lá de visita. Vive socado no engenho do barão seu amo moendo cannas.

—Capitão, por quem é, dispense-me; as lanchas da Gamboa largam às duas horas e eu não quero perder a viagem, porque a família está à minha espera.

—Quem é sua família? As tres moças com quem V. vive escandalosamente?

—São tres moças desamparadas. Tenho-as em minha companhia por charidade.

—Charidade de Satanaz é a sua.

Porém vamos ao que interesse.

Ora diga-me, para que anda V. à pôr pela rua d'amargura aquella senhora que o fez gente?

Si não fosse ella, estaria V. hoje occupando o cargo que indignamente exerce?

—Não Sr.

—A quem deve V. a posição que imerecidamente occupa na sociedade?

—A ella.

—Quem influiu para que obtivesse V. do Rio o logar que conspurca e degrada?

—Foi ella.

—Não foi a instancias della que a tia lhe deixou a terça, com o que tornou-se V. soberbo e arrogante de humilde e cabisbaixo que era?

—Sim, Sr.

—E não lhe morde a consciencia, não sente ralar-lhe a alma de remorsos quando escancara essa bocca de latrina e puxa por essa lingua viperina, mas afiada do que uma navalha para

atassalhar o nome de sua benfeitora?

Que motivo tem para deprimir e marear a quem beneficente lhe estendeu a mão e lhe levantou do po?

—Capitão, é verdade que a mulher a principio protegeu-me; mas depois tornou-se minha rival.

—Mente! foi a sua desmarcada ambição quem lhe imbebeu no coração o veneno da ingratição.

Era impossivel que essa alma onde se aninham tantos vicios fosse extranha á ingratição.

—Capitão, o tempo corre, e eu tenho mais que fazer; por quem é deixe-me seguir meu caminho.

—Mais. estou eu perdendo, desperdiçando meu tempo com cousa tao ruim!

Muxingueiro! leva esta boa chita para o porão.

—Pela *Incarnação de Nossa Senhora* não me estorve, capitão.

—Passe para diante! Não se faça rola!

(*Continúa.*)

Pede-se ao Sr. Amancio do Bangala que tome nota da Roza Coló que não se tira de sua casa; diga-lhe que deixe-se de andar fazendo perguntas e mettendo-se com a vida alheia; que se metta com a sua, e lembre-se do tempo do aliado do Malaquias, quando andava com os soldados; que não continue, si não deita-se-lhe a chronica á rua.

—Será verdade que o dinheiro do cofre do Domfim não chega nem para pagar aos musicos?

—Qual! não é possivel.

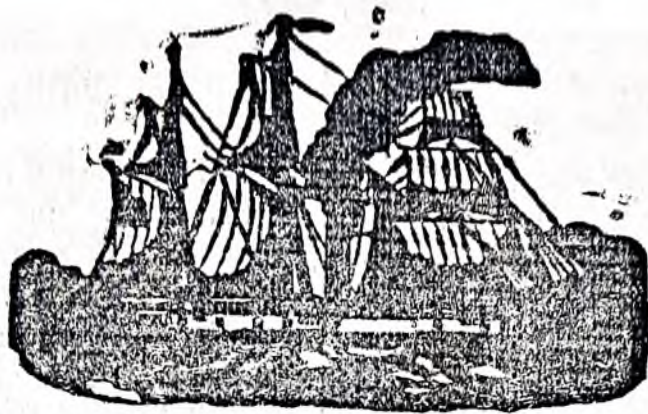
Si elles ainda não receberam, é por que o mestre ou thesoureiro anda occupado com negocios mais importantes e de maior interesse.

—Sera.....

ANNUNCIO.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira; quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.º 2.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

20 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 2.—N.º 12.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizriecordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de fevereiro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha uma certa casa em S. Miguel, onde existe uma escrava acorrentada, ha tempos immemoriaes. Consta que a senhora não tira daquelle martyrio a infeliz, nem por intercessão de Santa *Rita de Cassia* que faz prodigios e destroe impossiveis.

Espera-se que S. Ex. syndique do facto e dê as providencias que achar ateis.

—A' empreza do cisco, participando-lhe que, na rua dos Curraes Velhos dos Barris, ha lama constantemente, apezar de por alli passarem diariamente os varredores, que intendem que só *cisco seco* é que é immundicia.

Espera-se que algum encarregado explique aos varredores as obrigações que lhes competem

—A' mesma, pedindo-lhe que mande seus empregados até a rua dos Coqueiros d'Agua de Meninos, que está inteiramente cheia, tanto de aguas podres como de grande cisalhada.

Espera-se ser attendido.

—Não ha remedio sinão dar um cavaco ao *Diario*. A querer elogiar a policia do Sr. Dr. Junqueira, insiste o publicista em dizer que este anno o entrudo esteve menos desabrido.

Não ha tal; este anno houve o que tem havido sempre, desordens em toda a parte, insultos ás authoridades, até desacatos pessoas ao Sr. major de policia; em certas ruas ninguem podia transitar, sem sahir inteiramente molhado e com mingau pelas ventas; a verdade é esta.

Deixemos de elogios de encomenda!

—Si houve até mortes, quasi isso, meninos sem falla, ferimentos, pancadas, aqui d'el-rei; si mais de noventa cazas (podiam ser novecentas) foram notadas, que mais queria o *Diario*?

—Nem tanto!

—Que sarceiro é aquelle na ladeira dos Gatos? Porretada a valer!

—E' ladrão no pulceiro; não vê aquelle corujão preto que vae alli so escafedendo?

E' um patife que come *frangas* dentro dos templos, que deu tambem em comer *gallinhas* nas casas alheias.

Mas desta vez vae de aza derreada; o dono da prenda metteu-lhe o cassete e o demonio nem piou.

—Que diabo, cruz!

—Quanto mais si V. soubesse que o tal corujão é *coroadado*, e coroadado protegido de gente de mitra; tanto que nenhuma pena soffre, apezar de ser até gatuno!

—Misericordia! como vae esta pobre Latronopolis!

—Os homens das machambombas ja tem licença para assentarem os trilhos.

—Deus os leve ao seu *bom fim*.

—O Illm. Sr. Dr. inspector de saude acaba de apresentar ao publico uma obra (hygiene publica) que denominou *Algumas considerações e conselhos preventivos contra a cholera morbus epidemica*.

—O titulo indica o que é a obra; são conselhos ao povo e ás authoridades no sentido de prevenir-se o desenvolvimento do terrivel monstro do Ganges.

O que prova o zelo com que S. S. se dedica ao cumprimento de seus deveres naquillo que não requer agentes, que elle não tem.

—Havemos de ler a obra com cuidado. Por ora agradeçamos ao Illm. Sr. Dr. Goes a remessa de seu folheto com que se dignou honrar-nos.

—Nesta terra cada um só cuida de si; ninguém, nenhuma authoridade vela pelo bem publico! A imprensa reclama diariamente a tapagem dos canos á ladeira da Misericordia, apontou o facto de ter cahido n'um delles um cego, e comtudo os buracos la estão na rua á espera de quem passe! E' o homem da obra com seus concertos, por um lado, e a Illma. com sua pouca energia por outro.

Ora viverum!

—O remedio é soffrermos calados, com a resignação dos camellos.

A PEDIDO

—Breve temos duello em Latronopolis. O cavalheiro *Surdo-é* de afia o

cavalheiro *Montez* para desaffrontar brios.

—Fiau, fora o bobo!

Sempre vi que o galan havia dar para heroe de romance; depois da des-honra que leva a uma casa, abraça o escudo, empunha a lança e revive os tempos da idade media!

—Pobre Quichote!

—Capitão, não sei si sabe.

—O que?

—Ha na freguezia dos sanhaços uma cambada de cães *joceros* que so vivem das *trípas dos bois* e são conhecidos por empregados publicos, sejam muito embora negociantes, empregados publicos, despachantes ou outra cousa qualquer. Como vivem sempre no curral onde se fartam com as *moxibas dos bois*, não sentem fome, não tem que fazer e vivem de continuo a ladrar e a investir contra quem passa; ladram porém de balde, porque ladram á lua: o *furdão luzido* que passa offusca-lhes a vista e então os cães não fazem mais que morder o proprio rabo.

Ora até aqui nada ha que admirar; é apenas uma sucia de cachorros importunos a incomodar quem passa, si não vem prevenido de chicote. O que porém admira é ver mettido na malilha um gordo *garrote*, de *bigode de ferro* que trepa ás vezes por um *jambreiro* acima, ficando os companheiros a esperar que lhes venha daquellas alturas ceu velho, agua, ou manjar com que muito se deleitam os taes cadellos.

Não acha que admira?

—Eu o que acho é que V. é um massante dos seiscentos que não tendo que fazer vem matar o tempo com suas sécas.

O homem a roubar o tempo alheio com historietas de cão!

Si me tratasse d'algum *coronel* ou d'uma sucia de *capetões* papa-bofe, passe.

O Camaraça com as aguas não pôdo fazer grilo, pegou nos tortos mandou para frente, a ver se os direitos chegavam ao rego, mas esbarrou-se porque os meninos não deram pelo leme; ou-

tro officio, cuide só no seu trem de paz onde arranja seus grilinhos com facilidade, e passando por tacão; quem o não conhecer que o compre, saberá a peça que leva.

Um a quem o Fariasso contou cousinhas suas.

—Capitão, permitta que lhe conte um caso la do Rio Vermelho. A um annuncio sobre a festa das jangadas, no qual certo bobo quiz fazer crer que os pescadores dalli vivem opprimidos, mas comtudo se prestaram para o festejo, se respondeu com outro annuncio em que assignaram pessoas destruindo a calunnia. O bobo, apesar disto insistiu em um annuncio no *Jornal da Bahia*, sob o titulo—Ora esta e boa—proseguindo em chamar o odioso contra o subdelegado daquelle logar.

Quem diria que esse exquisito em outro tempo disse em uma carta a esse mesmo subdelegado: Esfregue-me estes negros?

Agora que o sujeito tem la para si que pode alguma cousa contra a gente boa da Victoria, toma outro rumo, mas sempre no seu terreno das mentiras e burrices.

Concluida a festa, viu-se a gente a dar vivas ao subdelegado em sua residencia, e ao chefe de policia, que então la se achava.

Que merece pois o tal bicho?

—Muxingueiro, quando aqui chegar o pedante que vou já mandar buscar, arruma-lhe em cheio, visto a falta de character.

Sr. redactor.—Para desfazer um engano, queira declarar que a casa de que trata o *Alabama* n.º 9 a respeito de entrudo na rua de D. José, é n.º 7 e não 8 como sahiu.

* * *

—Quem são aquelles sujeitos, que alli vem de ordenanças atraz?

—Observe tambem que alli na quinta do palacio de Latronopolis, tem um sujeito espiando.

—A quem espreita elle?

O que quer elle fazer?

—Os cavalleiros aproximam-se do palacio.

—Ah! E' *el-rei* e o Dr. *Capona* que foram passeiar na *Alagoa pequena* pela via de ferro, e voltam agora ás 10 horas da noite.

—Note que o vulto aproxima-se a *el-rei*, e pode ser algum inimigo, que esteja á sua espera!

—*El rei* entrou, está escapo!

—Entrou tambem o vulto atraz!

—O que será?

Corramos para ver o que é aquillo!

.....
—Ah! E' o Dr. *Mingú Carrinho d'Aberem* que estava á espera que *el-rei* chegasse d'*Alagoa pequena*, para elle ir fazer-lhe os cumprimentos.

—Que susto tomei eu!

Olhe que esta Latronopolis tem cousas.....

Cruz! Ave Maria!

—Arrenego da *coruja!*

Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia.

Consta que na cadeia da Correcção está preso ha dez annos um pardo de nome Manuel Moutinho, optimo official de livreiro, muito conhecido nesta cidade, onde passava por livre.

Que crime tem? quem o processou, quem o julgou?

Ninguem: um homem que se diz senhor do infeliz alli o detém sem que se saiba o motivo.

Mas ainda sendo o tal homem dono do pardo, pode elle tel-o assim pelo longo espaço de dez annos?

O bom senso diz que não. Si é prohibido a um senhor martyrisar um escravo com castigos barbaros; si elle não pode tel-o em clausura domestica por tanto tempo, sem que a authoridade intervenha, ao menos por humanidade

—como se póde consentir que um senhor deshumano tenha em prisão publica, no lento decurso de dez annos, um seu escravo, cujo crime se ignora e que certamente tal pena não merece?

O escravo está delido em correcção; mas que longa correcção é essa que

excede a pena de quasi todos os crimes previstos no codigo?

Oh! tanta barbaridade deve desaparecer dos olhos desta capital civilisada!

Sr. Dr. chefe de policia, compadeça-se V. Ex do infeliz, dê um passo em favor da humanidade que geme, indague o motivo do escandalo, extinga a immoralidade, destrúa o abuso da *força*, vingue a civilisação; e fique certo, ha de haver muitos corações agradecidos que nunca hão de esquecer o serviço valioso que V. Ex., neste caso, presta à sociedade.

Esse contra-senso não pode continuar.

Um infeliz tambem.

—Isto é que é fazer economia!

O Martins no theatro é capaz de fazer uma redução de 13\$ rs. na orchestra, diminuindo o pessoal, e o melhor do pessoal!

Isto é que é intender! Não tem duvida, Sr. Martins, o caso é serio; pode continuar com seus progressos economicos, que o publico lhe dará um doce.

—E eu ando secco por saber do pessoal comico, artistico ou como melhor nome tenha. Que figuras apparecem? que pomadas nos querem fornecer? que caricaturas nos apresentarão?

—Não sei, nem quero saber; este theatro da Bahia está reduzido a ensaio de especuladores ou apaixonados desfructaveis.

—Sabe a razão por que se não abriu o theatro? parece-me que o praso é em fevereiro?

—E qual será o repertorio?

Quererá o Sr. Martins massar o publico com quatro bambochatas ridiculas como fez na noite de seu beneficio?

—Não sei, não sei; já lhe disse que não frequento theatros, não me masse portanto.

—Sr. Martins, tome sentido!

—O *Interesse Publico* diz que S. Ex. é um dos administradores mais accessiveis; é inexacto. *Voluntarios* que voltam do Rio, que, doentes, não tem quem os cure, que, tabareus, não tem aqui domicilio, levam dias e dias às

portas de palacio, sem poderem dirigir a palavra a S. Ex. que chega entretanto à janella a qualquer hora.

—Não é tambem exacto que S. Ex. dá audiencia franca a todas as pessoas que o procuram; os figurões, os amigos, os correspondentes, os *membros de compras de jardamento* abrem os resposteiros á hora que querem; mas os reclamantes, as mulheres de capona, os mal-traçados ficam alli horas e horas e por fim são mandados vir na hora da audiencia. Quasi todos os dias, á hora da audiencia, o ajudante apparece á porta e brada: Hoje não ha audiencia; S. Ex. está incommodado, ou occupado!

Eis o facto; o mais é vontade de querer o *Interesse Publico* brilhar.

—E tem razão; amor com amor se paga, a gente deve servir bem os bons amigos.

ANNUNCIOS.

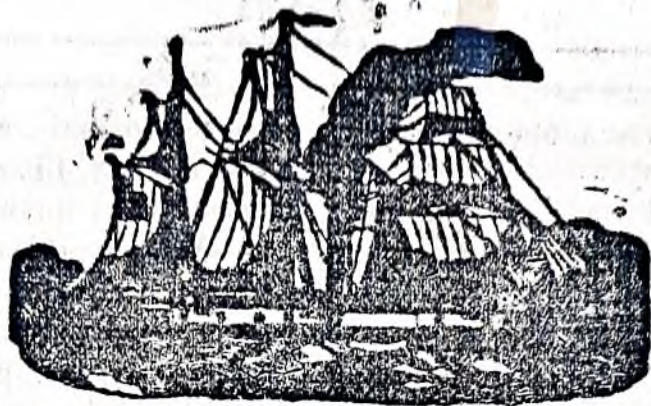
Manuel de Assis Gomes, Antonio Gomes de Assis e João de Assis Gomes, vem por si agradecer as distinctas corporações sacerdotal e musical, aos seus amigos e todas as pessoas, que se dignaram honrar aos actos funebre que tiveram logar nos dias 10 e 16 do corrente na matriz de Sant'Anna, por occasião do interro e missa do setimo dia, celebrados por alma do seu muito prezado e nunca esquecido irmão o padre José de Assis Gomes. Bahia 17 de fevereiro de 1866.

Atenção.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dira quem dá dinheiro sob penhores e pequenas hypothecas.

No dia 4 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, perdeu-se do Gravata até o Terreiro uma carteira com algum dinheiro, diversos papeis de importancia e um bilhete premiado com 10\$ rs.

Dá-se além do dinheiro quo tinha dentro mais uma gratificação a quem achou e queira entregar os papeis na loja do barbeiro Boa-nova ao Guadalupe,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

22 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 2.—N.º 13.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de fevereiro de 1866.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, participando-lhe que na noite de 17 um padre procurou por *subterfugio* entrar, sem licença de seu dono, em uma casa à ladeira dos Gatos, o que deu motivo a que este o encontrando com o pé na ratoeira, o fizesse dalli retirar a rufo de pau, e ao estrepito da galhofa dos circumstantes que presenciavam o caso.

E como semelhante procedimento esteja clamando por um correctivo em desaffronta á respeitavel classe sacerdotal, vitipendiada por um membro seu, espera-se que S. Ex. se digne mandar indagar quem foi o tal padre, e de castigo o mande pôr de penitencia ao pé de uma cruz.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que os combustores de gaz ao Matatú, acham-se todos deteriorados, o que faz com que os moradores daquelle logar, ha dous mezes, vivam constantemente em trevas, tornando-se superfluo o dinheiro que gasta a provincia com aquella parte da cidade a respeito de iluminação.

Confia-se que S. Ex. attenderá a tão justa reclamação.

—Ao mesmo, participando-lhe que a companhia do olho-vivo foi á Estrada Nova e roubou da estrebaria que pertence ao Sr. Barros Reis um burro, e da casa vizinha pertencente a um crioulo um cavallo. Os homens prepararam-se portanto; e como já se chegou a dizer que formavam um regimento, é provavel que o formem de cavalleria, e devem ser temiveis as excursões.

S Ex. portanto se não deixe levar por palanfrorios, fiando-se nas palavras de que os restos da companhia vão cabindo na ratoeira; active sua energia e não perca de vista os ratoeiros que renascem e reproduzem-se como os dentes de Cadmo.

—Dizem que a ilha do Medo está arrendada por 40\$ rs. annuaes.

—Ouvi dizer que, a esforços do Sr. tenente coronel Paranhos, director das obras militares.

—Não sei; o que é certo é que só de cocos pode-se seguramente tirar dalli 80\$ rs., exactamente o duplo do preço por que está arrendada.

—Bagatella!

—Tem havido boas cousas com os exames, este anno, na faculdade de

medicina; a questão de cartas passou a jornaes e do jornaes vao tomando direcção do duello!

A causa principal é o abuso que aqui se da de to los os que se creem examinadores abrirem curso de serias, para *garantirem* os discipulos e apontarem os que devem e os que não devem prestar exame.

—Como cohibir o abuso?

—Julgou-se algum tempo que era ser feita a nomeação na vespera dos exames; mas o caso é que o Sr. Dr. Dantas fez assim e nem assim evitou o escandalo. O remedio, parece-me, seria nomear pessoas habilitadas inteiramente extranhas ao magisterio e os professores jubilados que não abrissem curso. Pode-se dizer que estes se negariam; mas muito é de esperar de homens illustrados que bem poderiam fazer um pequeno sacrificio, para que não vissem, a entrada da sciencia, uma tão vergonhosa mercancia, que enoja e afflige.

—Credulo! utopista!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras! A *magra* chupeta da limpeza acaba de perder um de seus magros burros, por querer economisar.

Foi atirar cisco ao mar, e o burro deu um pinote, fez um sarandango e la se foi tomar banho pelo mar a fora, de carro ás costas.

E a graça é que, bom mergulhador, la se ficou pelo fundo a ser devorado por algum tubarão, justamente como o dinheiro dos cofres publicos é devorado anciosamente por meia duzia de barrigudos, emprenhendedores e amantes do progresso desta bemdita terra!

—O castigo do vicio é o proprio vicio.

Pezames á empreza por ter fallecido um dos seus!

—A presidencia da provincia está mandando erigir um monturo nas Mercês.

—Ora viva!

—E' certo; a limpeza está fazendo da roça do Sr. Jacintho Alves de Sá deposito de cisco.

—E isto é prova?

—Si a presidencia consente, é porque o quer: tão bom é o ladrão como o consentidor.

—Não deixa de ter razão.

Como vac esta terra, meu Deus!

—Não sei si sabe que ha nos cofres dinheiro para as familias dos voluntarios?

—Tenho ouvido dizer.

—Não sei si sabe que algumas já o tem recebido?

—Tenho ouvido dizer e até lido.

—Pois admire o talento do Sr. Dr. Dantas; avalie o seu grau de liberalismo; veja como elle tracta os pobres, como é a todos accessivel; e pasme diante da força daquella intelligencia, cujo possuidor foi pelo *Pharol* chrysmado de *pedra!*

E' um requerimento despachado a 15 de fevereiro:

«Agueda Xavier da Conceição, mulher do voluntario da patria Conegundes José dos Santos, pedindo que se mande dar alguma quantia das que se acham recolhidas nos cofres publicos para as familias dos voluntarios.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda si o marido da supplicante consignou alguma quantia.»

—E' realmente de admirar! A senhora pede do dinheiro recolhido ao cofre; S. Ex. mandá informar si seu marido lhe deixou algum.

E tem razão S. Ex.; o dinheiro dos cofres é para gente bonita ou para quem tem padrinho; as mulheres pobres, si querem, seus maridos que lhes deem!

—S. Ex. obra sempre com tanto tino, tanta vontade, tinha de proteger a infeliz que marcou ao inspector o circulo em que devera girar, cousa inteiramente extranha ao requerimento!

E' assim que se governa com o liberalismo pratico, não é Sr. Guedes Cabral?

Amanhan o homem tem um elogio por conta.

Pelo amor de Deus, respeitem a decencia publica!

—Capitão, é verdade que existem tres agiotas nesta cidade. . .

—Tres! tres mil, pode dizer sem susto.

—Sei disso; mas fallo de tres que vivem no quartel de policia a rebater o soldo dos guardas.

—Ja ouvi dizer; e a graça é que o escandalo tem logar com authorisação dos commandantes de companhia, que servem de abonadores.

—Eu ouvi dizer que ha tambem sargentos que servem de agentes e que recebem uma commissão para darem e receberem o dinheiro.

—Dizem que sim.

—Ora ahí está! E vivem os pobres guardas sempre atrapalhados com o favor que lhes fazem, mal trajados, sordidos e presos porque assim se apresentam.

Ha então dous infelizes, Barboza e Chibante, que estão diariamente na prisão, por serem favorecidos pelos taes meus bons senhores.

—E que diabo de ganancia é uma, sabe?

—Dizem que o soldado toma dez mil reis para pagar doze no dia do soldo; porém o soldo, de dez em dez dias, chega apenas a dez mil reis, e o soldado que não p. de pagar doze fica devendo dous, com o juro de 500 reis. E nesse gosto vae continuando o negocio, em que, bem se vê, fica o pobre guarda eternamente entalado, á disposição dos charidosos Srs. Custodio José da Silva, Gandavo, e Thomaz-coxo.

—Com effeito!

E tal abuso se não pode acaso reprimir?

Ha de estar o suor do soldado a gottejar para saciar as fauces sequiosas dos usuarios? Quando a policia ou a magistratura do paiz não queira nisso intervir, uma força de vontade do commandante não poderá dalli expellir os especuladores, como do templo os expelliu Christo?

—Creio que sim; tanto que o Sr. Argollo, quando era commandante, prohibiu no quartel a entrada de tão santas creaturas e quaesquer transacções entre elles e os soldados.

—Os guardas que lhe chorem a falta! O Sr. Salles, ainda querendo fazer alguma cousa, não encherga bem e podem cassuar com o homem.

A PERDIDA

—Capitão, venho valer-me de seus prestimos; recorro á sua protecção para ver si por meio de sua intercessão sou vingada, ou antes si justiça me é feita.

—Si dependesse de mim so, sendo sua a rasão, havia de ser attendida; negocio porém em que eu interceda para com as authoridades, é difficil de arranjar-se, porque não ouvem, são surdas por que não querem ouvir.

—Mas, Sr., a quem hei de recorrer?

—Falle sempre.

—Chamo-me Maria Leopoldina Neves dos Santos; tenho alem de outras uma filha menor de nome Maria Emilia; moro na rua do *Julio Grande*. Ha seis annos mais ou menos um demonio começou a perseguir-me e ficou o dono de minha casa; a dita minha filha que tem hoje 13 annos tinha então sete; o malvado agradava-a muito; fazia-lhe muitos carinhos e meiguices, mas desmoralisava a innocente preparando-a; aos 11 annos deflorou-a, segundo se veiu ultimamente a saber.

—E quem é o infame seductor?

—Um gallego ordinario, um tal *Dias José*, ou José do Dia, que muitos chamam José do Diabo; um pintor de portas, um borrador de paredes que a Galiza produziu para dessocego meu e de minha familia.

Morava defronte de mim um moço que pediu em casamento minha filha; quando José do Diabo viu a carta, rasgou-a e não quiz dar a resposta; eu disse que approvava o casamento, que era muito do meu gosto e José do Diabo não leve remedio sinão concordar; prometteu dar a resposta ao moço o deu-a verbalmente.

O moço apromptou mobilia e enxoval, mas a esse tempo recebeu duas cartas anonymas em que se lhe dizia que José do Diabo gabava-se de ter-se

servido de sua futura e da irman mais velha.

O moço interrogou a noiva e esta na sua innocencia confessou tudo.

—Que fez a senhora?

—Recorri ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, perante quem compareceram elle e minha filha que tudo confessou; la está nos autos a declaração Não tendo porém meios para intentar processo contra o malvado, o Sr. Dr. chefe de policia mandou soltar o monstro, depois de 8 dias, por não poder tel-o preso por mais tempo.

—E elle continúa a frequentar sua casa?

—Não sei como, no dia 4 do corrente roubou-me elle uma filha de tres annos, que depois de muitas reclamações minhas, me foi entregue, por ordem do subdelegado no dia 12.

No dia 19 subiu elle minhas escadas, a pretexto de ir tirar seus cacos de tinta; entrou com palavras macias e asucaradas a ver si ficava de novo, mas eu conhecendo a fera despedi-o ameaçando-o de gritar por soccorro; ao sahír cubriu-me de improperios e injurias atrozes.

—Voltou ainda?

—Vive de continuo na rua em que moro, a passar d'um lado para outro, a insultar-me, e a dizer que o moço que quiz casar-se com minha filha foi quem deshonrou-a. Alias sabem todos que o moço nunca entrou em minha casa, si não depois do pedido.

—Não dê cavaco com o tratante; a cousa é não deixal-o por pé em ramo verde. A menina onde está?

—Está em caza do moço, que a pedido de algumas pessoas e por charidade, a tem em seu poder. Mas o malvado tanto tem fallado, tanta mentira tem inventado, taes cousas tem feito, que o moço ja disse que breve mandamme a rapariga para a caza.

—Ora deixe estar. As authoridades é provavel que não ouçam os gritos lamentosos da mãe; mas pela minha parte, vou mandar chamar o gallego, e na sua presença mesmo, elle prestará contas do que deve. *(Continúa.)*

—Os musicos que tocaram no Bomfim já foram pagos?

—Já.

No dia 16 do corrente o thesoureiro ajustou contas com o encarregado da orchestra e embolsou o, descontando o que tinha por conta.

—Bem; agora não ha mais razão de queixa.

Deseja-se saber onde existe a conta corrente dos contribuintes do 4.º batalhão da guarda nacional.

Esta pergunta faz-se somente porque, ha muitos annos, não ha musica no referido batalhão e havia somente dous tambores até certo tempo.

Um que deu somente cinco mil reis.

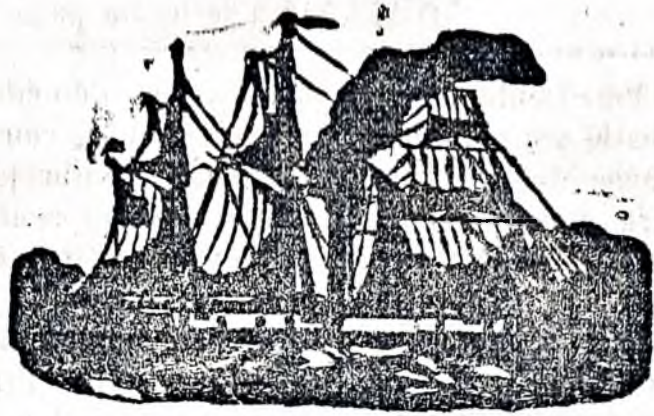
ANNUNCIOS.

No deposito de massas e casa de molhados á rua do Tingui, vende-se vinho da Figueira muito bom—a 4800 rs. a canada,—garrafa á 500 rs.; dito do Porto a 6800 rs. a canada, garrafa a 700 rs. dito velho, qualidade superior, em meias garrafas, a 480 rs., manteiga franceza a 900 rs. a libra; dita ingleza superfina a 1\$000 rs. a libra; cerveja marca triangulo—a 640 rs. a garrafa; Genebra—vida eterna frasco a 640 rs. azeite doce 720 a garrafa; e tudo mais que se procura nestas casas—vende-se mais barato que em outra qualquer parte.

Declara-se, que as massas preparadas no mesmo deposito tem merecido muita aceitação dos freguezes que sabem apreciar

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p p, na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dirá quem dá dinheiro sob penhores e pequenas hypothecas.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

24 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 2.—N.º 14.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de fevereiro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. administrador do theatro publico, para que informe si ha ou não prohibição de emprestar-se objectos do theatro, e no caso de haver, com authorisação de quem sahio para Santo Amaro a roupa do mesmo destinada á companhia lyrica para servir no bando que houve naquella cidade ultimamente.

Portaria ao fiscal da freguezia de Sant'Anna, ordenando-lhe que intime ao proprietario da casa n.º 93 á rua da Poeira para que mande limpar uma enorme montureira que existe no pátio da referida casa e que muito incommoda a vizinhança. Cumpra.

—Sahiu á luz o *Liberal Progressista*.

—Traz no seu titulo o seu programma.

—O que não impediu á sua illustrada redacção de apresentar-nos um programma tão bem elaborado como bem escriptos são todos os artigos que se lê no primeiro numero.

—Deus dê longa vida ao contempo-

raneo, tanto que possa ver realisadas as sublimes ideias que defende e por cujo triumpho denodado se apresenta o esforça.

—A limpeza não tem obrigação de varrer o Pelourinho?

—Que duvida!

—Pois o carroceiro obriga as quitadeiras a varrerem a praça e a deitarem o cisco em o carro, em quanto se diverte em galhofas, ou indo fazer oração em alguma capella da vizinhança.

—Bem tollo é quem acha o bocado prompto e não o come. O Sr. Costa Guimarães é que sabe destas cousas.

—O largo do Carmo está sempre cheio de cisco; parece que a limpeza por alli não passa!

—Passa, mas que quer? Fizeram da rua gallinheiro e o remedio é ter alli com que sustentar a criação.

—Ora com effeito! Como é que Vm. seringa assim sem piedade a um pobro homem que passa, principalmente quando esse homem é um padre?

—Vontade tinha eu de seringal-o, sei onde.

Aquillo não é padre, não é nada, é peccador como os mais, é mais ainda, e um *abutre* dos diabos.

—Ora apreciem! Uma senhora requereu, como mulher de um voluntario da patria, que se lhe desse algum dinheiro dos que para essas familias ha nos cofres; S. Ex. despachou mandando que o inspector da thesouraria informasse si o marido da senhora lhe tinha deixado algum dinheiro.

Agora dá S. Ex. o seguinte despacho: Selle o requerimento!

Tem termos isso?

Si o requerimento não estava sellado, S. Ex. commetteu um erro, lançando nelle um despacho. Dizem porem que o negocio é outro.

Eu cá exponho o facto, e quem puder que o qualifique.

Isto succede na 2^a capital do Brazil, no anno da Graça de 1866, na administração progressista do Sr. Dantas, na situação politica inventada pelo Sr. Saraiva.

—Chama-se a isso accessibilidade, diz o Guedes.

—Capitão, ouça esta que é de *cajuleorum*.

—Que ha?

—Eu lhe conto. Uma pobre mulher não podendo dar educação devida a seu filho, conseguiu por meio de empenhos pol-o na casa dos orphãos de S. Joaquim; dalli foi o menino tirado por um portuguez para caixeiro de venda, da qual fugiu, ignora-se para onde, por ser bastante maltratado pelo amo.

A mãe sabendo da fugida do filho, procura-a afflicta por toda a parte; o portuguez porém persuado-se de que o menino está em casa da mãe e queixasse nesse sentido ao Sr. Dr. chefe de policia.

O que faz S. Ex.?

Por effeito da justiça, ou por impulsos de seu paternal coração, manda metter no chilindró a pobre da mãe, desesperada por ja lhe não restar o recurso de procurar livremente seu filho!

—La com isso não me metto. O chefe de policia que assim o faz é por que o pode.

—Capitão, si souber me diga. Um

homem tem de embarcar para o sul, mas dá 600\$ rs. ou um homem por si. Pergunto eu: Em quanto o batalhão a que o homem que o dinheiro pertencia estiver no sul, não se segue que o homem está no sul?

—Parece que é do bom senso.

—Pois saiba. Francisco da Silva e Oliveira, por ordem do presidente, foi substituido por João Telles de Menezes, a 17 de setembro de 1865; foi por tanto para o sul João Telles de Menezes que representa Francisco da Silva e Oliveira.

Entretanto, um destes dias vae Francisco seu caminho pacifico, quando lhe dão voz de prisão, a nada attendem e mettem o homem na cadeia!

Pois o capitão não sabe que o homem foi substituido? Como manda prender um cidadão sem crime que vae a seu negocio e que não espera, não pode nunca esperar que o chamem para fazer um serviço que outro está fazendo por elle, porque. . . elle deu seu dinheiro?

Sempre atropello!

Todos os abusos de prisões, recrutamento que tem havido nascem de baixo, bem que os superiores consintam. E' que quem tem um galãosinho, julga-se com direito a metter no tronco, a maltratar tyrannamente qualquer cidadão seu desafeiçoado.

Isto porem não pode continuar.

Que acha, capitão?

—Acho que o moço deve prevenir-se, a fim de não estar exposto ás insolencias de quem quer que o queira ataccar.

A PEDIDO

La vae obra.

Onde vae *Mané de Souza*

Tão lampeiro?

Cede os cavallos, vae de mula,

Corriqueiro! . . .

Vae tomar seu regaboso

N'um *Assado*.

Dom Bebé o acompanha

Appressurado.

Leão que vela vae correndo
P'ra função;

Aberém o acompanha, caladinho
A dar co' a mão.

O barão commendador se apresentando
Dá piguá.

As aguas são tão puras, até servem
Para chá.

«Viva o vinho, viva a patria,
Chova arroz!

Viva o esp'rado barão que em tal stado
Assim me poz' »

Diz Bebê enchendo um copo
De Madeira;

Façanha que tonto o fez cahir
Sobre a cadeira.

De um tão grande desfructe o D. Coruja
Envergonhado,

Mandou levantar o acampamento
P'ra o Queimado.

SONETOS.

E' crível que o paiz ande a matroca
E ao capricho a nação viva sujeita?
Que entre nós a justiça seja a peita,
Que o direito não valha uma pipoca?

E' crível que tamanha seja a broca
Da podre consciencia que rejeita
Equidade e justiça e á fome alfeita
No Olinda infeliz pregue a taboca?

Não te importes, Olinda; a fome e a sede
Não te hão de levar a acção cruenta
Q'breve surgirá. q' a infamia o pede.

Si a bomba te estourar por sobre a venta
Pinta nm *gato marisco* na parede
E as armas franciscanas lhe apresenta

E' crível que um juiz seja lacaio
De todo presidente da Bahia!
Heide ser presidente ainda um dia
P'ra reduzil-o a negro de balaio.

Com botas de canhões montado em baio
Hade andar a cidade feito espia,
Para que o Xavier não veja a tia
Fique em baixo da loja feito aio.

Os meus bons alliados hão de ver
Elle caro pagar-me o que tem feito
Reduzido a não ter do que viver.

Leite quer Saubara, elle tem geito

E quando não tiver mais que comer
Metta o dedo no... , tire confeito.



—Um aviso em tempo.

Ha na Bahia um negociante fallido, que tendo um processo em Sergipe, o sendo preso, foi por *habeas-corporis* da relação mandado pastar livremente. O processo porém continuou, e o nosso amavel Chicotada (é elle) ficou aqui tomando fresco, apesar de estar definitivamente condemnado.

Tem de seguir para Sergipe um honrado magistrado, que não tem até hoje desmentido as glorias de seu pae, typo de probidade na magistratura, em cuja summidade se acha collocado. Os tratantes e poderosos pretendem perdê-lo; esperam illudil-o, fazendo-lhe crer que o tratante ja cumpriu a pena *em outro logar* e que o digno magistrado deve mandar-lhe dar baixa na culpa.

Tenha por tanto o illustre juiz todo escrupulo nessa questão; não se deixe levar por palavrinhas assucaradas.

O aviso não vem tarde.

S. S. que se previna.

Um que conhece as bestas.

—Quando appareceu o juiz de paz da roça, muita gente riu-se; os taba-reus porem foram virando macaco com os costumes da cidade e tudo imitaram; chegaram a ter rei e o Itapicurú teve a honra de contar entre os seus primoi-

ros um celebre gato marisco cabelludo.

O nosso el rei do matto fez annos; celebrou o anniversario, dando as fortalezas da Ribeira, Taboão, e Caes Dourado as salvas de bufas; á noite houve baile em que compareceram os assignantes do largo do Theatro; S. Ex. . . quero dizer, S. M. escolheu o dia para distribuição de graças e desgraças; nomeou porteiros, demittiu delegados, arranjou afilhados antes que o *esperado defunto morresse*, e desenganou um pae afflicto, um sogro infeliz, um avô sobrecarregado, que fora pedir ao tyranno uma graça devida.

—Ora não masse!

Pois ainda ha quem peça a feras do sertão favores que tem o nome de equidade?!

Mais facil é uma coruja comer um gato do que deixar de ser malvado ou tollo qualquer Mané de Souza.

Convenientemente instruidos sobre a pergunta feita por este jornal n.º 11 de 17 do corrente sobre o pagamento dos musicos que tocaram nas festas do Sr. do Bomfim de Itapagipe, apressamos em responder-a, afim de restabelecer a verdade dos factos.

No dia 6 do corrente mez o Sr. Joaquim Pedro como encarregado da musica recebeu a quantia convencionada, pelo que passou recibo que se acha em mão do thesoureiro da irmandade, tendo desde o dia 1.º sido chamado para esse fim por varios musicos a pedido do mesmo thesoureiro, e já tendo algum dinheiro adiantado.

O Sr. thesoureiro como commandante do 1.º batalhão, dissolveu a musica do batalhão sob o seu commando, e disse ao Sr. Joaquim Pedro, que era mestre d'ella, que fosse em outro dia para liquidar as contas relativas á banda militar.

Com effeito no dia 9 o Sr. Joaquim Pedro compareceu na casa do Sr. thesoureiro, e este no acto do pagamento levou em conta a quantia de 300\$ rs., que pagou ao Sr. Urbano Ignacio de Sá Mendonça de uma fiança passada em

favor do Sr. Vicente, contra-mestre da musica á pedido do Sr. Joaquim Pedro. Havendo este encontro, o Sr. Joaquim Pedro recebeu 6\$ rs. saldo a favor da conta, e do que passou a competente resalva.

Eis como se deu o facto

Pelo que fica dito ve-se que o Sr. thesoureiro da irmandade do Senhor do Bomfim foi prompto em satisfazer os compromissos da mesma irmandade; e se alguma falta houve diga o publico a quem se deve attribuir.

Foi bom que fossemos esclarecidos afim de que o mesmo Sr. thesoureiro fique salvo de qualquer pecha, e o seu credito, como sempre apreciado.

* *

—Chica, vem tomar uma chicara de café.

—Ja não rôo tudo que encontro.

—Não recebeste de certa protinha 4\$000 rs. para pôr em notas a carta do filho?

—Recebi.

—Que fizeste do dinheiro?

—Gastei com almoços e jantares para regalar Mané.

—E não rôes tudo que encontras!

Que disseste á preta?

—Contei-lhe quatro brocas, ella ficou sem os cobres e eu o Mané consolados.

—Sem vergonha!

—Como a pode ter quem ja vendeu café do Nicolau, jogou o burro com o Marcos, cortou carne no açougue do Felippe, e bebeu na taseca do Bernardo?

—Qu' é da roupa do moleque, Chica?

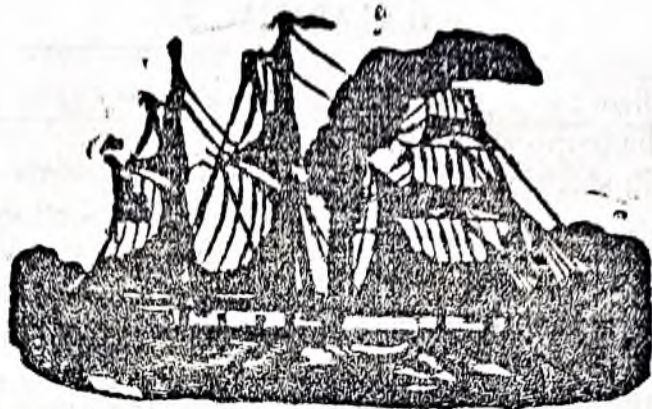
—Meu Sr., outro officio; ja lhe disse que não tenho vergonha.

—Muxingueiro, leva esta negra a tacadas até a rua dos Ourives e mette-a no cano mais immundo que encontrares.

(Continúa.)

ANNUNCIO.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dirá quem dá dinheiro sob peñhores e pequenas hypothecas.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

27 DE FEVEREIRO DE 1866.

SERIE 2.—N.º 15

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João do Deus, ordenando-lhe que vá á travessa do Cruzeiro n.º 8, e advirta a uma mulher aciganada que ali mora, mãe de um malcreado menino que se diverte em cuspir e molhar não só a vizinhança como também quem passa, e que quando se lhe vae fazer queixa diz que o menino não tem juizo, que si não pozer cobro a tal insolente, passará pelo dissabor de vel-o conduzido ao Dr. chefe de policia para lhe dar destino na companhia de aprendizes.

—Attendite et videte!

«Requerimentos despachados em 21 de fevereiro de 1866.

«Carolina Carlota Joaquina do Sacramento e Silva, casada com o sargento do batalhão 23 de voluntarios, João Chrysostomo Ladislau e Silva, pedindo alguma quantia mensal.—Foi a supplicante deferida com o officio dirigido á directoria da caixa Economica para que se entregue a quantia de 15\$ rs.

«Francisca Romana de Moraes, viu-

va, com 11 filhos, dos quaes 6 estão como 1.ºs cadetes voluntarios no exercito, pedindo alguma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios.—Officiou-se á directoria da caixa Economica para que se lhe entregue a quantia de 30\$ rs.»

Agora vejam e pasmem!

«Requerimentos despachados a 15 e a 19 de fevereiro.

«Agueda Xavier da Conceição, mulher do voluntario da patria, Congundes Jose dos Santos, pedindo que se mande dar alguma quantia das que se acham recolhidas nos cofres para as familias dos voluntarios.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda si o marido da supplicante lhe consignou alguma quantia!

«A mesma, idem.—Selle o requerimento!

«Anna Rosa dos Santos Vital Castilho, viuva de Thomé Feliciano Castilho, praça do batalhão de caçadores desta capital, pedindo uma quantia dos dinheiros que se acham recolhidos á caixa Economica.—Prove o que allega.»

—E' assim que o Sr. Dantas distribue justiça?

—E'; é assim que S. Ex., liberal moderno, da moda, da epocha ou como quei am, pratica equidade; é assim

que elle prova, confirma e *reprova* a *accessibilidade* que lhe emprestou o generoso e chicanista Guedes Cabral.

—Hontem teve logar a cerimonia da bençã da bandeira do 1.º batalhão d'artilharia da guarda nacional.

—Estevo edificante; foram padrinhos os Srs. commandante superior, Dr. Tiberio, coronel Magarão e outros referidos no *Novo Methodo*.

—Houve discursos; o Sr. barão arranjou o seu e o Sr. Magalhães dividiu o d'elle em dous.

—Ouvi dizer; parou no meio do caminho, sensibilizado com o luzimento e galhardia dos guardas que comanda.

—A epocha, não tem duvida, é só de pavonadas!

—Embarcou para o Rio de Janeiro, a 23 do corrente, no vapor americano *North America*, o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio Barboza d'Almeida, a tomar assento na camara dos deputados de que é membro.

—Assisti ao embarque, esteve bastante concorrido; inumeros amigos seus, pessoas e politicos, o acompanharam de sua caza ao arsenal de marinha e o seguiram até bordo, em alguns escaleres e diversos saveiros, todos embandeirados.

—Que S. Ex. chegue feliz a seu destino e mostre aos invejosos o quanto vale a probidade!

—Capitão, uma hypothese por conta. Supponha que ha em Latronopolis uma repartição onde ha uma *meza que rende*; supponha que o administrador que nella entra diariamente ao meio dia, deixa de ir n'um certo dia; supponha que nesse mesmo dia o thesoureiro sae a prestar contas, o fiel está doente, o escrivão não sei onde anda; supponha que o expediente pára, que os despachantes ficam empatados, os despachos incompletos, as mercadorias sem poderem embarcar; supponha todo esse atropello, todo esse atrazo n'uma capital illustrada, onde os empregados

publicos, os chefes principalmente, devem ter moralidade e respeitar o publico—o diga-me si tal estado de cousas pode ser tolerado, si é possível que continue.

—Rapaz, deixe-me. O exemplo dos passeios vem de cima; o empregado que não toma regabose não é da moda, visto que, com honrosas excepções, empregado hoje é synonymo de folgazão, patusco, *bon vivant* e capadocio.

A PEDIDO

—Graças a Deus que vão apparecendo actos de beneficencia imperial ou ministerial ao infeliz arsenal de guerra da Bahia.

—Como assim?

—Ao servente de escripta José Monteiro Mascarenhas, que se acha doente dos olhos foi mandado abonar seus vencimentos de 1\$000 por um aviso do Exm. Sr. ministro respectivo, durante seus padecimentos.

—E' de admirar.

—Si esse acto do governo geral continuar, tornando-se extensivo a todos os que cahirem em identicas circumstancias, que não tiverem um salario fixo, de certo não teremos de lamentar a reproducção de casos como os que se tem ja dado naquelle arsenal, de adocerem e morrerem mestres e contra-mestres de officinas na miseria estendendo a mão, implorando o pão da caridade publica, depois de terem consumido toda sua mocidade no serviço da nação, como operarios publicos. Exemplo, o que aconteceu ultimamente com o mestre pedreiro Casimiro Gomes Ferrão, e o contra-mestre de latoeiros Manuel José Gularte e outros muitos.

—Quem espera sempre alcança.

—Até ver não é tarde.

—Capitão, aqui está o José do Diabo.

—E' este mesmo, Sra.?

—E' o diabo em pessoa, capitão da minha alma. Basta olhar-lho para o traje; não o vê assim besuntado, porco, sordido, immundo, a fedex a oleo e a colla, á trampa até?

—Ora vem cá, brutaço, qual é teu meio de vida?

—Sou pintor.

—E que pintas? Os barris que outrora carregavas cheios em tua terra?

E's pintor, e andas a encher a rua de pernas, a insultar esta pobre senhora, cujo unico defeito foi ter-te dado ouvidos!

E's pintor, e te occupas em apregoar a deshonra que subtil e infamemente levaste a uma casa!

E's pintor, e vives de esmolas, sendo preciso que a sociedade de Beneficencia Portugueza te dê 50\$ rs. mensaes para tua subsistencia!

E's pintor, e teu officio é andares pelas casas das *felizes* a incommodal-as, incommodando a policia que te não trancafia de uma vez!

Quaes são os documentos legaes que apresentas, que trouxeste da tua terra?

Pensas que te não conheço?

—Penso, capitão, penso....

—Pois não penses, que por pensar morreu o burro de teu pae.

Julgas que não sei que vieste fugido? Julgas que não sei que és casado e lá deixaste a pobre da tua senhora?

—Misericordia, capitão, assim põe-me os podres na rua!

Quem lhe contou isso tudo, meu Deus!

—Foi quem me contou que tu rapistaste uma moça na Baixa dos Sapateiros, a qual só durou em teu poder tres mezes por que a mataste.

Quem me contou foi quem me disse que tambem mataste uma outra infeliz, mãe de um tal Manuel, que foi guarda de policia e que anda por ahí; é pintor como tu e tem uma belida u'um olho.

Quem me contou foi quem me disse que tu andas armado de estoques e punhaes, alguns dos quaes estão em poder da policia, sem que comtudo ella tenha obrado.

Olha para mim direito, gallego! Por que não tomas vergonha, safado!

—Ora por que! Onde se bende, capitão?

—Vende-se na pata que te poz. Sabes qual é o castigo que te espera?

E' ires daqui amarrado para a policia, onde se te instaurará o processo. Antes porém, perfilado como estás, levarás do muxingueiro uma furiosa desandadeira de tirar couro e cabellos. E si acaso succeder que, depois das indagações policiaes, dos exames nos autos, a policia te solte depois de oito dias, aqui a bordo acharás o que te não pudor dar o amavel Custodio.

—Balha-me a Birgem!

(*Continúa.*)

Soneto.

Não lamentos, Olinda, o teu estado,
 Taboças tem levado gente boa,
 Taboquistas fidalgos tem Lisboa,
 Taboqueado as vezes tem reinado.
 O Chico taboqueia até soldado,
 O Mané de taboças tem corôa,
 Certa dama apezar de sua prôa
 Seu amante lá foi taboqueado.
 O Sena é a potencia aqui famosa,
 Ao Chico se entregou, diz a gazeta,
 Para dar-lhe sentença vantajosa.
 A politica daqui é pura peta,
 Outra vida, Olinda, mais reidosa
 Manda Mané mamar em grossa teta.

Atenção.

E' certo e se provará sendo necessario que certo subdelegado da roça recebera d'um cidadão a quantia de 1\$200 de proferir um despacho na petição que lhe fora pelo mesmo apresentada no dia 23 de janeiro do corrente. Uma authoridade que assim procede, bem pôde ser policiada Agora porém cumpre saber se o regimento de custas judicarias, mandado organizar pela lei n.º 604 de 3 de julho de 1851 e executar pelo decreto n.º 1569 de 3 de março de 1853, seria alterado unicamente la para a tal freguezia em proveito do sapientissimo Sr. subdelegado e provavelmente de seu escrivão e primo quo tem contra si os avisos de 28 de julho de 1843 e de 3 de dezembro de 1853.

Um tabareu da Saubara.

—Sr. Hdefonso deixe-se de cousas!
 Não queira se parecer com o *Marinho*.

Pois porque o Sr é empregado na repartição das *averiguações* se julga com direito a insultar os mais, e quando é repellido vae se queixar ao *chefe*?

Ora deixe-se disso que é *bobage*.

Diga antes a sinhá Apolinaria que não se intrigue com os visinhos.

Vm. é filho de um conego, e já é alguma cousa; por tanto deixe-se de *crianças*, que nada lhe adiantam.

Trate de viver bem com todos que é o melhor.

Enigma.

A mulher de um homem do commercio
Vae, quasi sempre, á Quituta das Beatas,
A um certo candomblé, dançar *vudum*
Com negras gêges, crioulas e mulatas.

Larga-se fechada na cadeira
Conduzida por Jorge e por Joaquim:
Vae a *Loco* adotar; tomar ventura;
Comer bobó de inhame, ou de aipim.

La chegando, a papae toma a bençãam,
E nos pés da mamãe ajoelhando
Recebe *obi* e *colla* que mastiga,
E depois no *pegi* la vae entrando.

Toca *cundim* vestida de saéta,
Amarra sobr'a testa a *toalhinha*,
Atupeta o pescoço de *missangas*,
E pega de *Xangô* na *machadinha*.

Cahe na roda e mette *pêna obra*
Que uma preta africana não a ganha;
Quanta mais o *ogan* toca o *tabaque*
Mais voltas ella dá e mais se assanha.

Quando o santo lhe sobe p'ra *cabeça*,
A levam p'ra *casinha* a toda pressa;
La so entra papae e mais ningnem,
Q' ha prohibição p'ra isso, expressa.

Querem saber quem é essa senhora?
Isso não; é segredo, não se diz.

Quem quizer que va té a Fonte Nova,
E pouha-se de espreita, como eu fiz.

Ioio Chiquito do Surdo-é — Vm. está dando seus ouvidos a Domingos mais Anecleto, por isso não vem ha dois dias nesta caza. Si Vm. não quer mais vim me diga logo, pois Sr. Bitú quer vim e eu não quero que elle venha. Vm. sabe que eu lhe quero tanto bem que botei flor em seu cavallo quando morreu, e se não carreguei foi porque não posso com um cavallo.

Ioio Sena ontem veio aqui me pedi

para Vm. dá sentença a favor d'elle nos autos da caza da fazenda; diz que Vm. está demorando muito — eu lhe peço que se desemburre d'isto, pois não quero vê seu nome na boca do povo da *terra dos mosquitos*. Ioio Moura veio oje de noite e disse que Vm. queria ir para Acembréa sem tratar o negocio do crime d'elle na rua, eu disse a elle que Vm. não era capais de fazê isto, e elle me disse que Vm. ja tinba prometido a elle junto com Sr. Presidente por isso Vm. se guie e faça favor absorver logo Ioio Moura — eu não tenho remedio senão fazê estes pedidos porque anani pensa que Vm. inda me qué o bem que queria.

Eu fallei a Sr. Maxí para dar o recado a Vm. e como elle dice que não era arcovitero pedi a Sr. Zezinho para fazer esta carta. Vm. não me farte, veja que ioio Sena e ioio Moura me prometteram uma cousa si Vm. sizece isto e eu não quero perder, e nem Vm. ad consentir pois Vm. sabe que iô Sena quando promette não farta, e si iô Moura fartar eu faço queixa a iô Sena e elle faz iô Moura me pagá.

Vm. dê lembrança a Xico e a Veronica que eu mando — com Domingos mais Anecleto eu não que não quero mais graça nunca mais em minha vida.

Vm quando viê do Brejo bata seja la que ora fô Sou sua escrava e amiga
Colombô.

N. B. — Ioio Janinho sabiu daqui agora mesmo fallou muito bem de Vm. disse que Vm. disse a elle que não era mais juiz Sant'amargo si não rasgasse a carta de Eliza, eu peço a Vm. que não faça isto pois é muita marvadeza. Ioio Janinho qué vender ella. Eu fiz este verso para dizer a Vm. quando viece ca, como está demorando eu lhe mando —

Onde vae meu pombo roxo
Com meirinho e escrivão?
Vou dar um beijo em meu bem
E disto trazer certidão.

A mulhé que quizé dar
Em tua boca boquinha
Hei lhe dar bofetadas
Luda sendo iaiazinha.